

ALBERTO RAMOS

ODES

RIO DE JANEIRO 1909

9149

СЕРГЕЙ
СОКРЫШЕВ

791

93000

ALBERTO RAMOS

MARIO DE ANDRADE

A.	II
d	37

ODES

E OUTROS POEMAS

RIO DE JANEIRO 1909

RG

AAA
869.9149
R1458

DO MESMO AUTOR:

VERSOS PROHIBIDOS, Rio de Janeiro 1898.

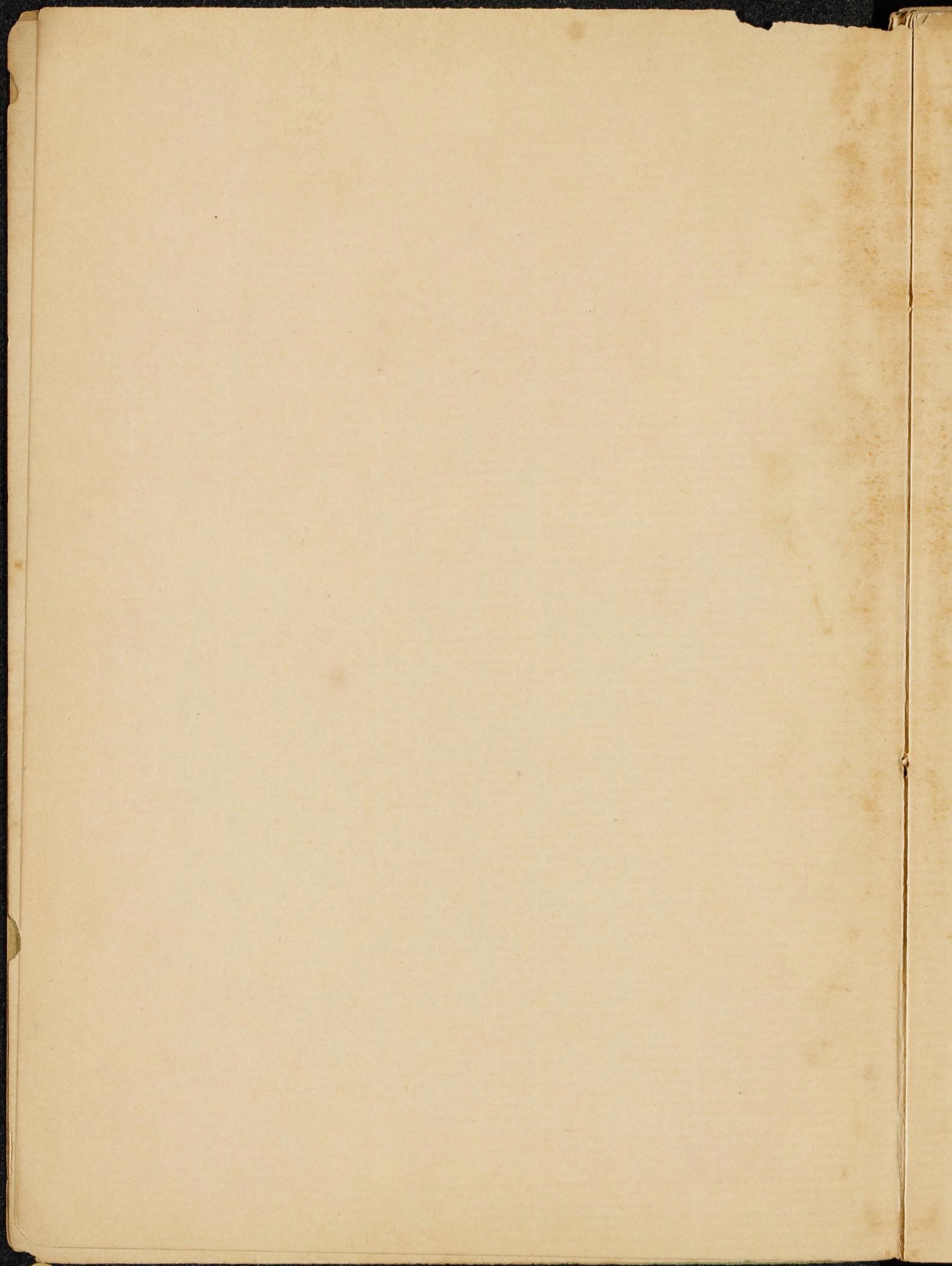
POEMAS DO MAR DO NORTE, DE H. HEINE (*Marcos de Castro*, trad.)

3a edição, *Laemmert & C.*, 1903.

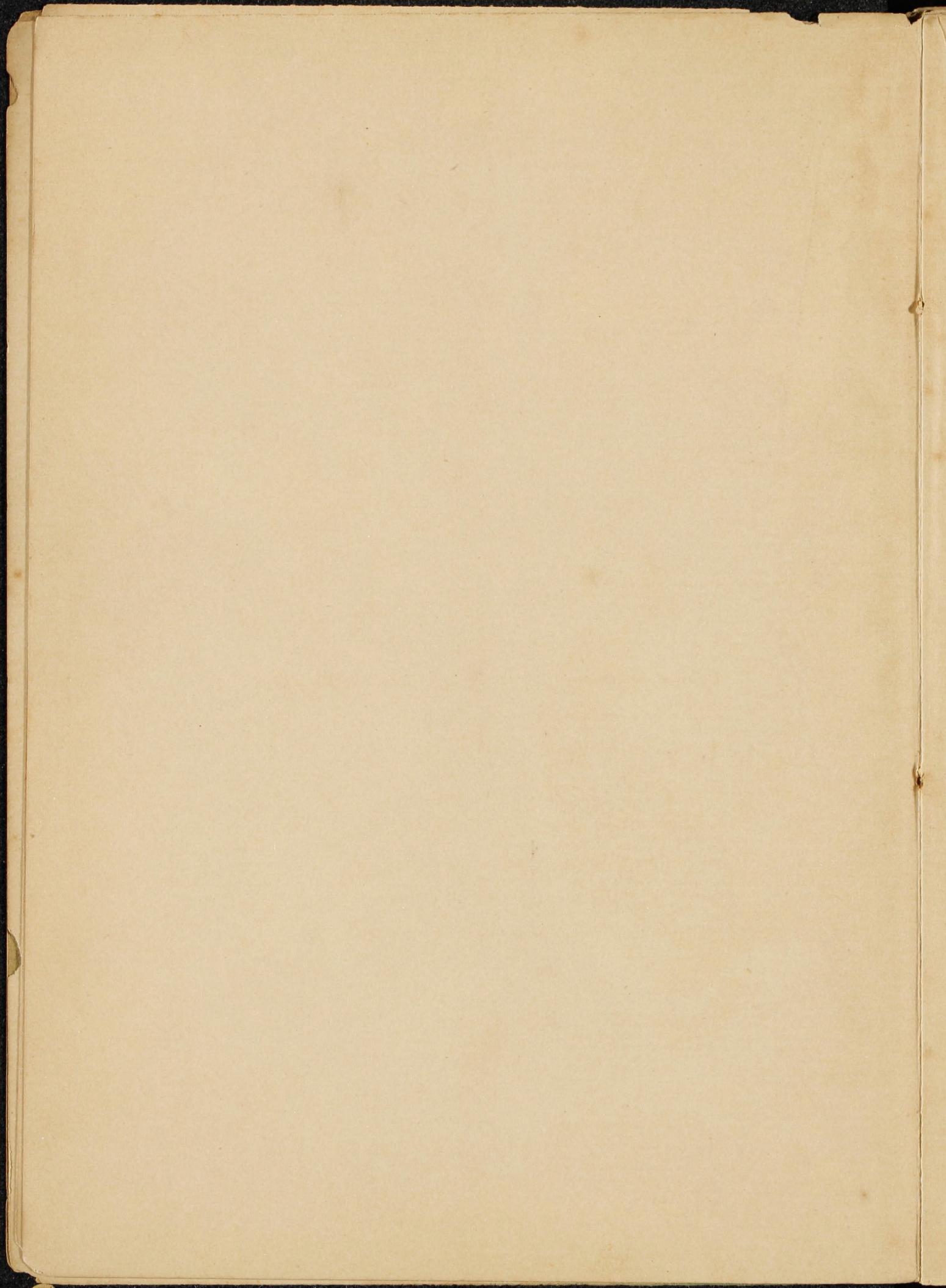
ALBERTO RAMOS

ODES

E OUTROS POEMAS



O REBANHO



CLARA, irrorada, rosea, na altura
rompe a manhan ; folga á luz da vida
todo ser, toda criatura.

Porque só o homem cala e duvída ?

Porque, Senhor, neste immenso grito
de alegria que arrebata a esphera,
um ser, um unico, proscripto,
o homem descerê, o homem desespera ?

Vê longe os campos que o sol consome
crestados, hirtos, á chuva e ao vento,
erma a casa, os filhos com fome :
volta os olhos para o firmamento,

onde o teu nome fulgura escripto,
donde o teu verbo, Christo, dimana,
e pelos muros do infinito
de astro em astro repercute bosanna :

e te interroga com gesto infindo
de desalento, Deus das alturas,
si lhe dás este azul tão lindo
para cobrir tantas desventuras.

Ante os seus olhos já meio extintos
os céus, banhados da luz da aurora,
apparecem de sangue tintos :
uma visão sinistra o apavora.

Longe o rebanho, pausadamente,
em fila extensa cobre os caminhos ;
cabisbaixo, mastim á frente,
vai o exercito dos cordeirinhos.

Innumeraveis pela montanha
marcham na luz da paz, da concordia,
Christo ! numa alleluia estranha
balindo á tua misericordia ;

candidos, niveos, doceis ao mando,
cheios de resignação sublime,
gloriosos, abençoando
a mão que affaga, ainda a que opprime.

Que rumo levam ? Por que apartado
tortuoso caminho aventuras,
guardador, o teu manso gado ?
Oh a vertigem lá nas alturas !

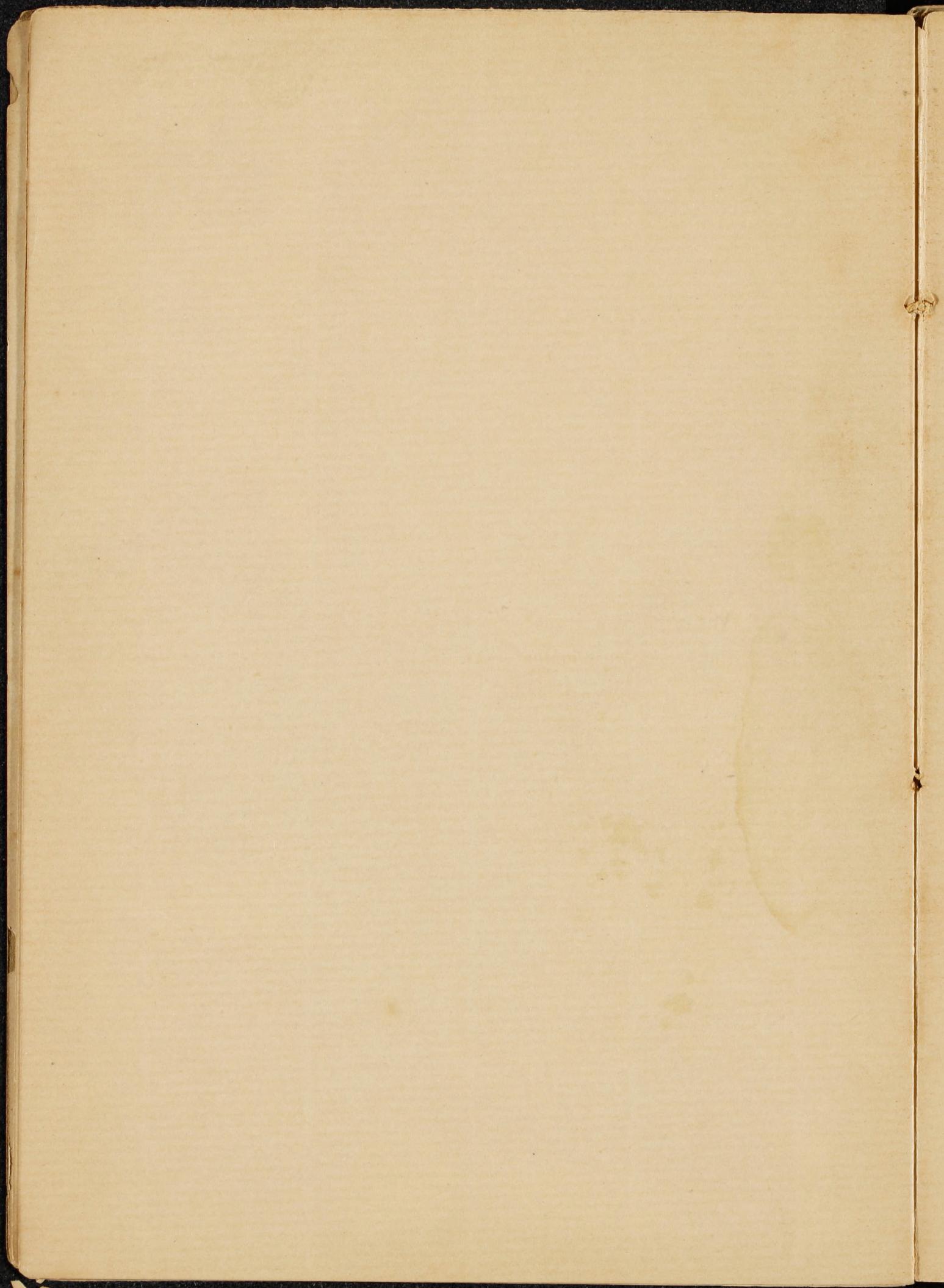
Oh nas montanhas o malefício,
á noite, á flor do abysmo traiçoeiro...
Christo, affasta-os do precipicio
e do cutello do carniceiro.

Toma-os na tua guarda divina,
reergue o fraco, acalenta o arisco ;
si algum transviar-se, illumina
docemente o caminho do aprisco.

Repete o caso das Escripturas,
o grande exemplo aqui dá de novo :
tambem são tuas criaturas,
teus filhos são, Jesus, é o teu povo,

que além caminha, de ti perdido,
dos teus pacigos, celeste Lyrio,
sombrio, humilhado, cingido
da palma triumphal do martyrio !

NO CASAMENTO DE G.



NOIVA, que encantos! que majestade!
que celeste resplendor! Sorriste:
um sorriso de felicidade
erra em teus labios, misera. Eu, triste

thalamo! os olhos aos céus levanto,
os céus invoco. Deserto, morno,
patria, é o teu solo; e quanto ouço e quanto
vejo é vil e pequenino em torno.

Não de homem livre ouço o malho ardente,
canções de amor, vozes de rebate,
nem o appêlo do clarim estridente
conclamando as hostes a combate;

á sacrosanta, serena, vasta
obra da paz, do amor, da justiça,
da inconcussa liberdade. Casta
vil de pigmeus, bastarda e submissa!

Não da innocencia o riso, a alegria
vejo da infancia; grave, severa,
é a mocidade; nevoa sombria
lhe arrebata d'alma a primavera;

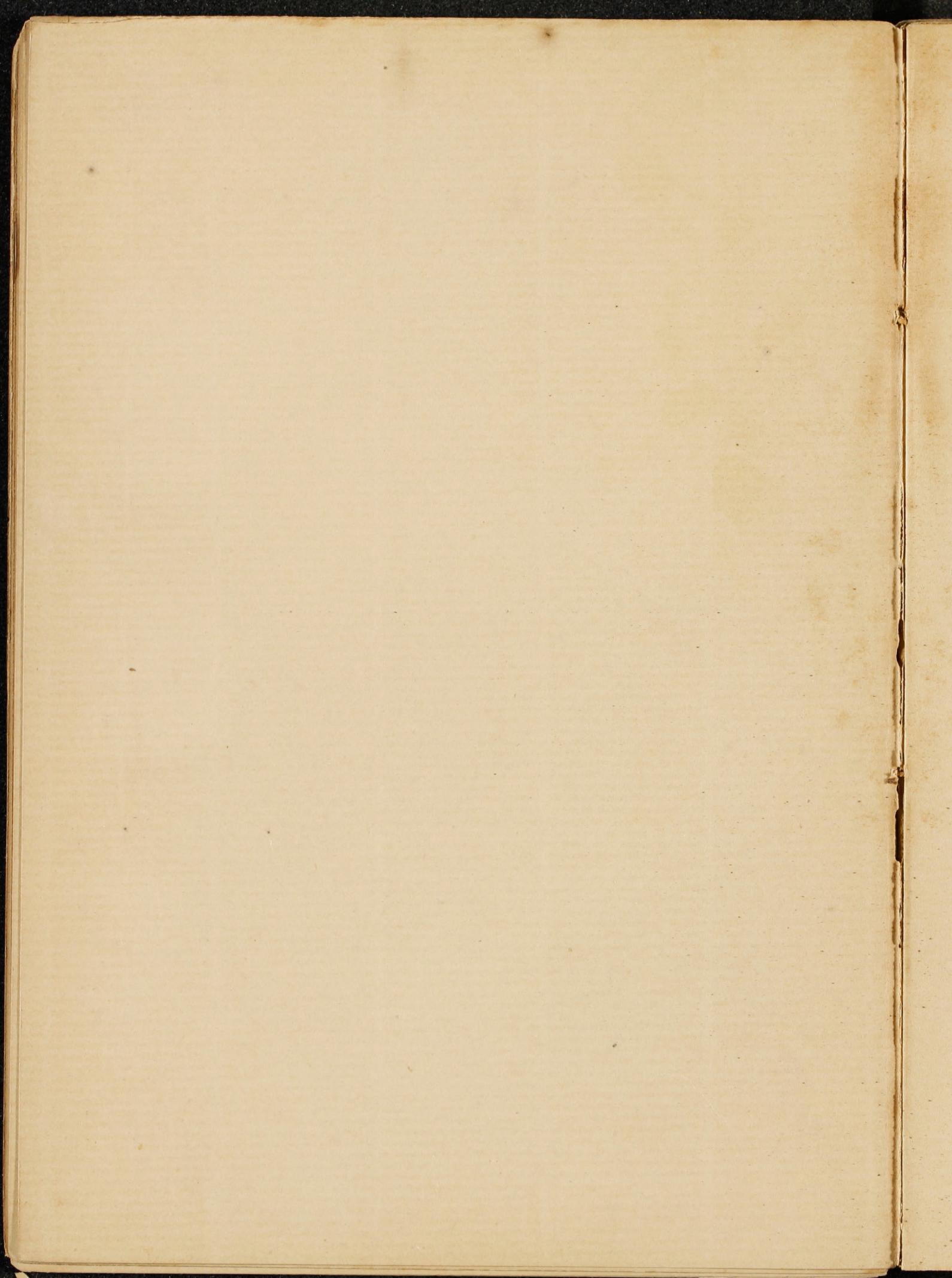
ocio infame a envilece. Oh pura,
oh casta infancia! Frontes douradas,
frescos labios roseos de candura
sob a torrente das alvoradas!

Como a visão atroz do futuro,
algida sombra meu peito invade;
ah si aos raios deste sol tão puro
é vituperio a maternidade,

pallida noiva de olhar profundo,
vago, anhelante para o infinito,
ah, mais valêra que no infecundo
ventre pereça o germe maldito;

não já de amor, não viril, fremente,
não sacrosoanto germe de vida,
mas de infortunio e de dor semente
e de opprobrio á patria envilecida.

A UM CAMPEÃO DE NATAÇÃO



I

BRAVO, athleta ! Com robusto braço,
fendendo a vaga, alcançaste a méta.
Triumphador do tempo e do espaço,
campeão sem igual, bravo, athleta !

Com que audacia resistiu á prova,
como affrontou, sorrindo, o perigo !
Moço illustre, o teu valor renova
os prodigios do heroísmo antigo.

Do antigo tempo, da idade de ouro,
quando imperava, deusa serena,
Afrodite! e era divino o louro;
quando a gloria illuminava a arena.

Quando tangia Pindaro a lyra
altisonante, sacro poeta,
e o verso illustre que a musa inspira
celebrava os heróes. Bravo, athleta!

Bravo, eminente no ermo horisonte,
de inclita estirpe ultimo rebento;
o alto louro te illumine a fronte,
athleta! digno de monumento.

Alma de heróe, braço de colosso,
da liberdade penhor seguro,
gloria, gloria! Nos teus nervos, moço,
estremece o germen do futuro;

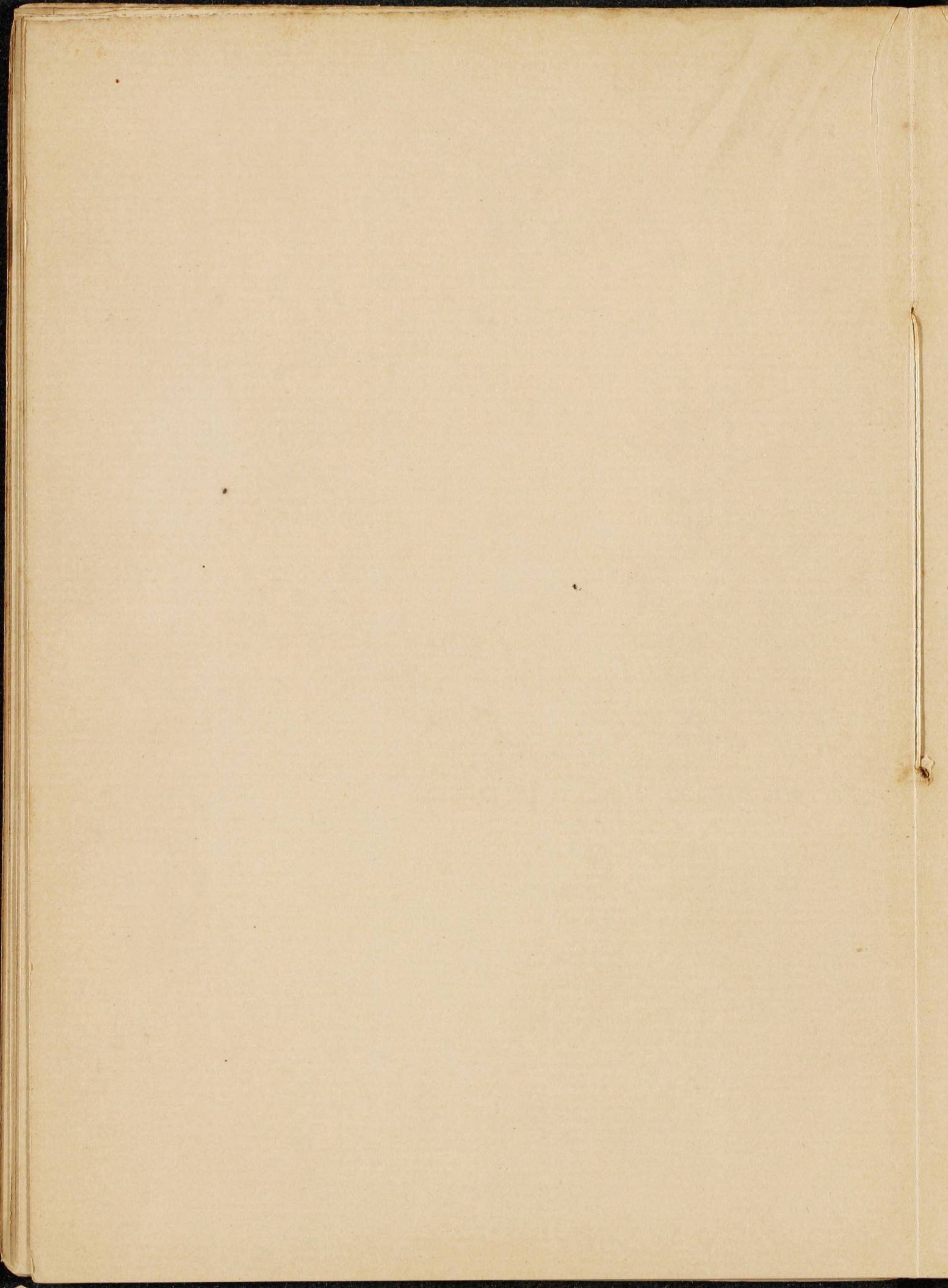
por que hade vir a alvorada certa
do bem, da paz, das artes florentes,
e a patria resurgirá liberta,
integra augusta e grande entre as gentes

II

Ao vencedor! Recebe este ramo de louro.
Glorioso, fremente, humido e perfumado,
ao teu nome entrelace um lustre immorredouro,
Agenor, dos deuses amado.

Vária, immensa, incessante é a torrente illusoria
da vida van. Feliz do que alcançou a méta
e tres vezes cingiu a palma da victoria
no verdor dos annos, athleta!

NO CAMPEONATO DO REMO
1902



SALVE, amplo mar, ridente mar, salve augusto oceano
maravilhoso ! immenso como o desejo humano

e como elle insoffrido e amargo e nunca satisfeito,
mar de amoroso amplexo, mar de indomado peito !

Tu conduziste a lide nova, a novos céus, a novos
feitos as náus errantes no alvorecer dos povos ;

as que impellia a Glória, erectas pelo mar em fóra,
retumbantes do choque de armas, sulcando a aurora,

fendendo o azul, soberbas quinas, alvas caravellas,
e as que a sêde implacavel do ouro enfunava as velas

Do teu bojo immortal germinaram oh mar fecundo
raças de semi-deuses, maravilha do mundo,

mensageiros de paz, portadores de immensa gloria
e de immensa miseria — todo o esplendor da Historia !

Mas nunca, oh mar, tão pura fórmia, fulgurante, austera,
de heroismo embalaste, pompa de primavera,

como esta mocidade immensa, varonil, fremente,
que hoje os teus verdes campos cruza orgulhosamente.

Sê-lhe propicio, oh mar, mar bravio o teu furor amansa,
é o nosso orgulho, a nossa gloria, a nossa esperança,

é a joven flor da nossa exaurida cançada raça
que nos teus glaucos hombros, velho gigante, passa.

Sê-lhe propicio, oh mar, bravo mar, sê-lhe clemente e amigo ;
dá-lhe a lição da força, rigida no perigo,

grande na guerra, heroica na paz, divina na morte ;
canta-lhe a tua estrophe prodigiosa e forte

que vibra e chora e ri, que estremece, amargo oceano,
de todos os tumultos do coração humano ;

canta-lhe, oh mar sagrado, a tua estrophe sonóra
e esta phalange ensina como ensinaste outr'ora

mar fremente os avós, quando extaticos da amurada
das altas náus sorriam á tua voz sagrada.

Tu lhes falavas no orgão terrível dos elementos,
no tumulto das vagas, na batalha dos ventos

soltos redemoinhando em torno, zunindo nos mastros,
ao clarão da metralha, sob o docel dos astros,

na paz, na guerra, á pôpa, á prôa, rugidor, afflito,
e na immobilidade tragica do infinito

E tu lhes susurravas, mar indomito, o segredo
da força heroica, invicta, estrenua, que ignora o medo

e a fome e o frio e a molle inercia e não sabe a fadiga
da carne vil que impreca tomba e mercê mendiga.

Nos largos peitos, sob a rijeza das armaduras,
insuflavas o amargo sopro das auras puras

e alto á face de Deus, desdobrado na immensidade,
mar, bramias o augusto canto da liberdade

Oh verde mar, profundo mar, aqui repete a prova
e hoje, á progenie, a antiga fulva canção renova

com que outr'ora embalaste o berço dos antepassados !
Oh velho mar, os braços pendem-nos já cançados

e o nosso corpo é exanime e o nosso espirito é morno,
tudo na patria é usado, vil, pequenino em torno,

e só pigmeus, maldito céu ! gera o ventre materno.
Mas tu, titão potente, mas tu, gigante eterno,

pulso do mundo, immenso mar, vibração do universo,
mar incessantemente renovado e diverso,

innumeravel mar pullulante de germens novos,
energia das raças, alegria dos povos,

mar fulgorante, aqui te invoco, protector robusto,
mestre de inclitas artes de arduo labor augusto

e infatigada vida incessante obstinada e rude,
aqui te invoco! educa, fórmá esta juventude,

joia do nosso amor, mimo e orgulho da da patria afflita,
que ás tuas verdes praias hoje se precipita

e exulta, e da esperança agita o pendão no horisonte,
bella e de um sonho heroico resplandecente a fronte.

Canta-lhe, oh mar, o canto dos bravos; a melodia
férvida dos valentes canta-lhe noite e dia;

ruge-lhe, oh mar, o grito de guerra da sentinella
que o dormente desperta, brada ao que passa e véla,

e o que esquece, e o que sonha, a nova ardua pugna convida;
canta-lhe a melopéa formidavel da vida

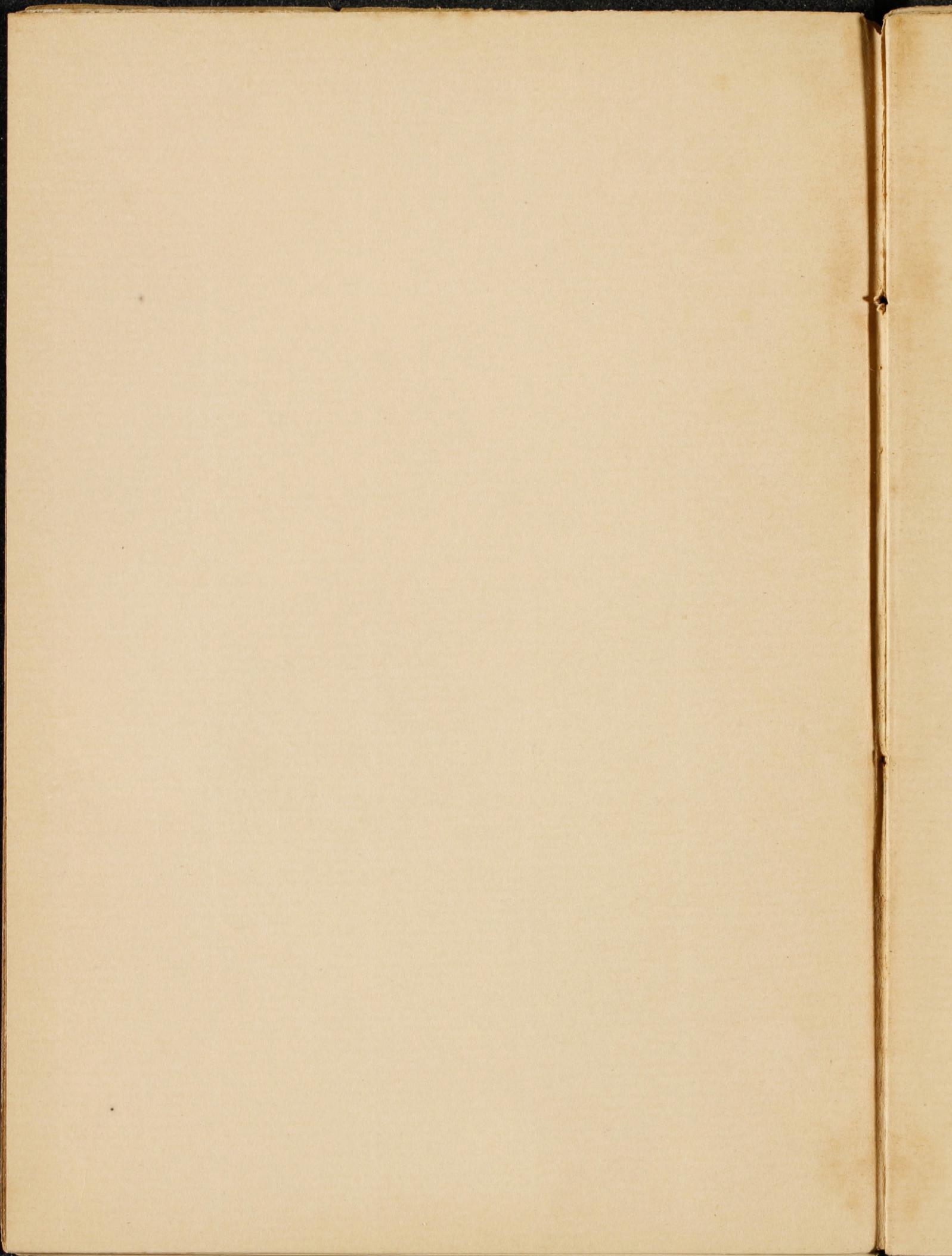
aspera universal ampla multipla multiforme
fecunda laborando no teu deserto enorme;

communica-lhe o ardor da tua grande alma insubmissa,
sêde do Bem, sêde da Paz, sêde da Justiça,

por que ha de vir a aurora inflammada na noite incerta
da tirannia e a patria resurgirá liberta.

Sagra esta adolescencia divina para a victoria,
mar, e lhe asperge a fronte com o baptismo da gloria !

FANTASIA



Voa veloz na infinita róta
caliginosa do mar bravio,
com sinistro adejar de gaivota
voa o navio.

Grespas, em torno, saltam as vagas,
resplandecentes de ouro e amethista;
novas ilhas, verdejantes plagas,
passam á vista.

Passam, diluem-se em flutuantes
véus de neblina; vultos aéreos
fogem, acenam, vagos, distantes . . .
A que misterios,

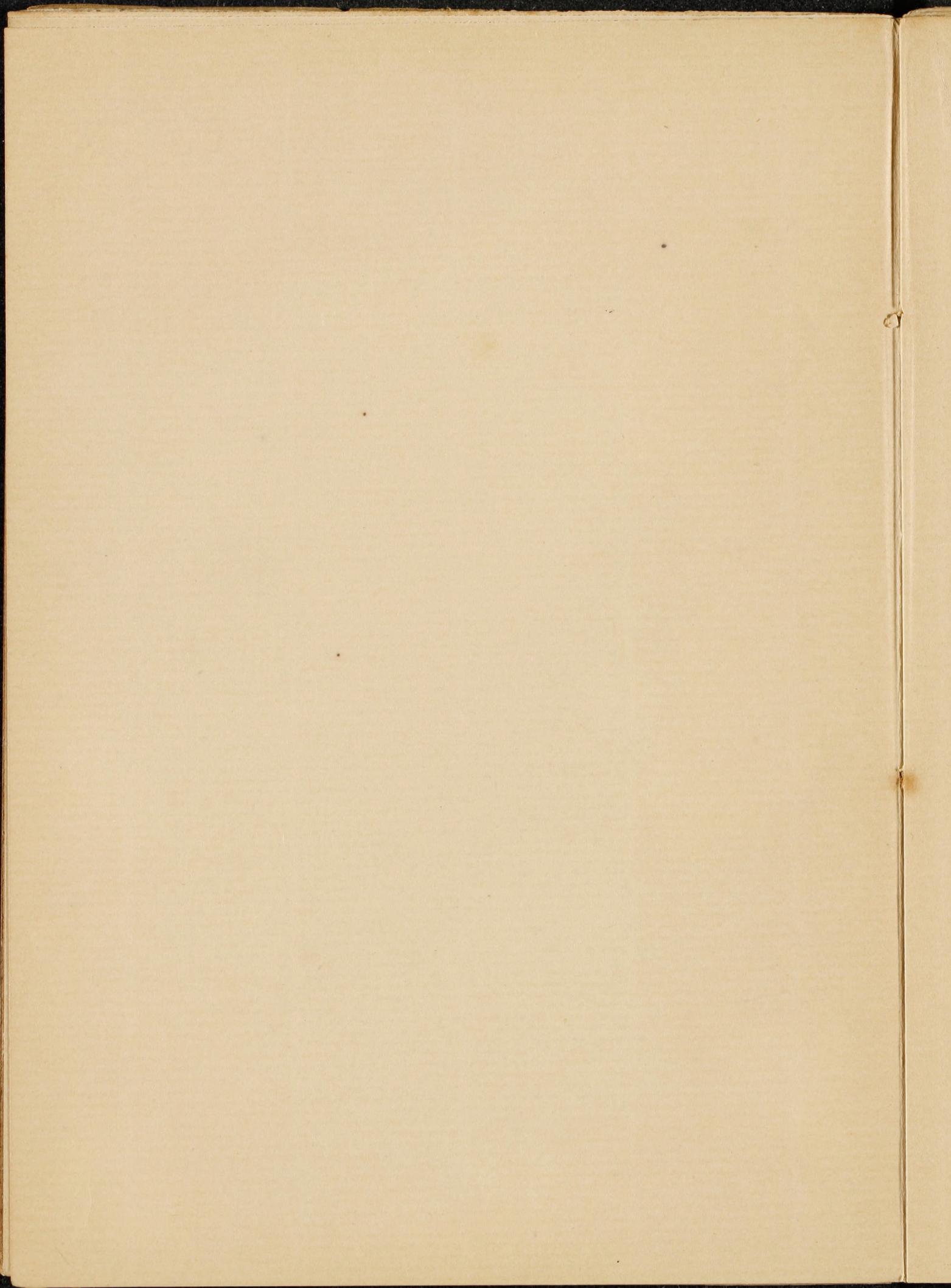
alma? a que eternas, a que infinitas
ancias, a que altos duros arcanos,
turbido peito te precipitas?
Céus! oceanos!

Funda saudade, infinita magua,
Lesbia, me invade. Anhelante, absorto,
perscruto em vão no deserto d'agua
signaes de porto.

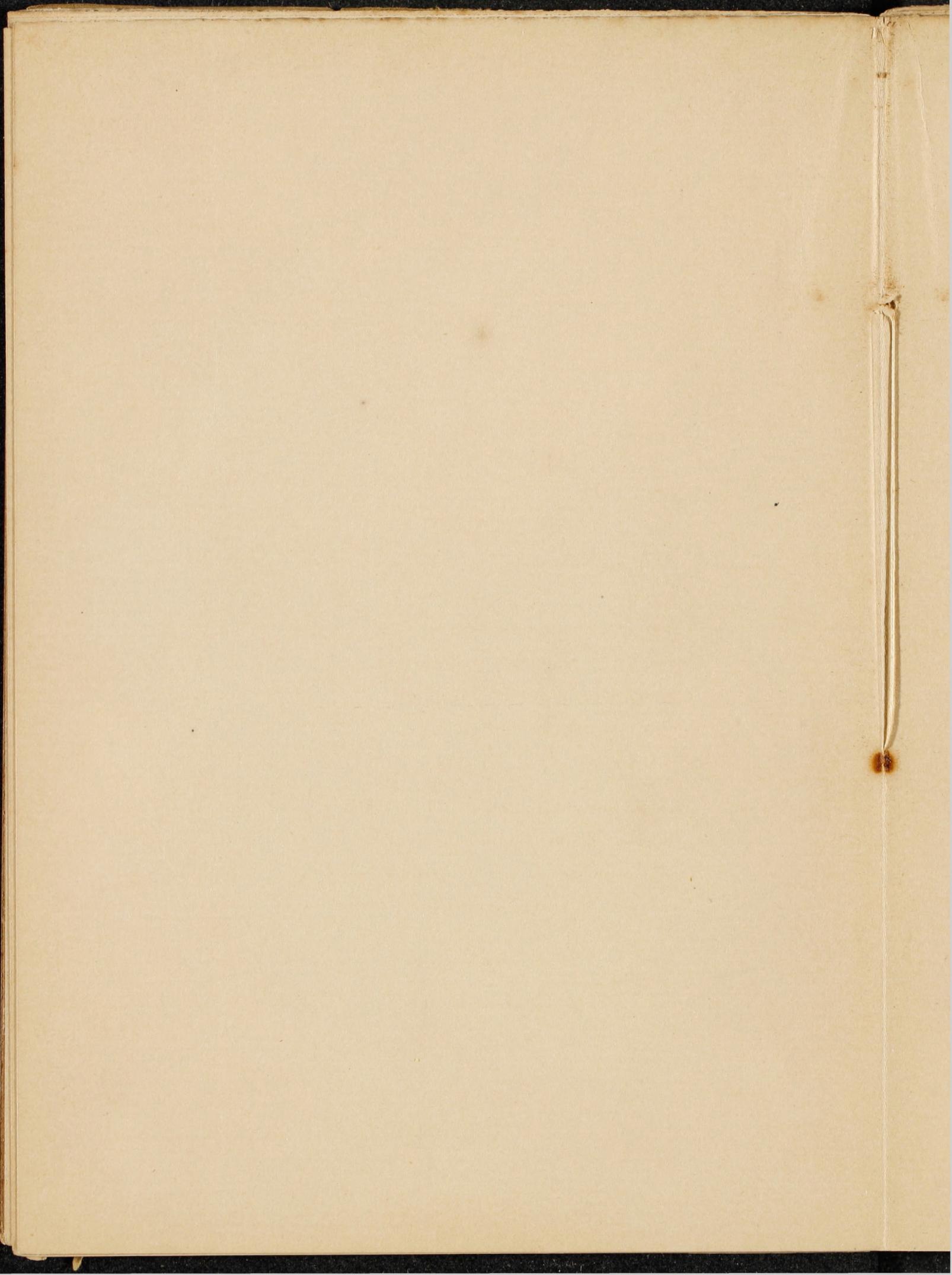
Doce no porto do teu regaço
fôra sonhar; á cadencia breve
dos niveos seios, no curvo braço
branco de neve.

Oh Lesbia, oh vida, negro Cocito
é o casto olhar onde o amor scintilla;
sonhar, perder-me nesse infinito
céu da pupilla

misteriosa, profunda, amada,
onde secretos ardem lampejos
e á noite passam em revoada
fulvos desejos



IGNOTA DEA



De que remota esphera ignorada
céus e terra enamorando vieste,
tu Desejada, Amada, Adorada,
radiante de pallidez celeste?

Não, não me enganas; não ha no mundo
sorriso assim, luminoso, ethereo;
não é possivel, no céu profundo,
no céu, querida, habita o misterio.

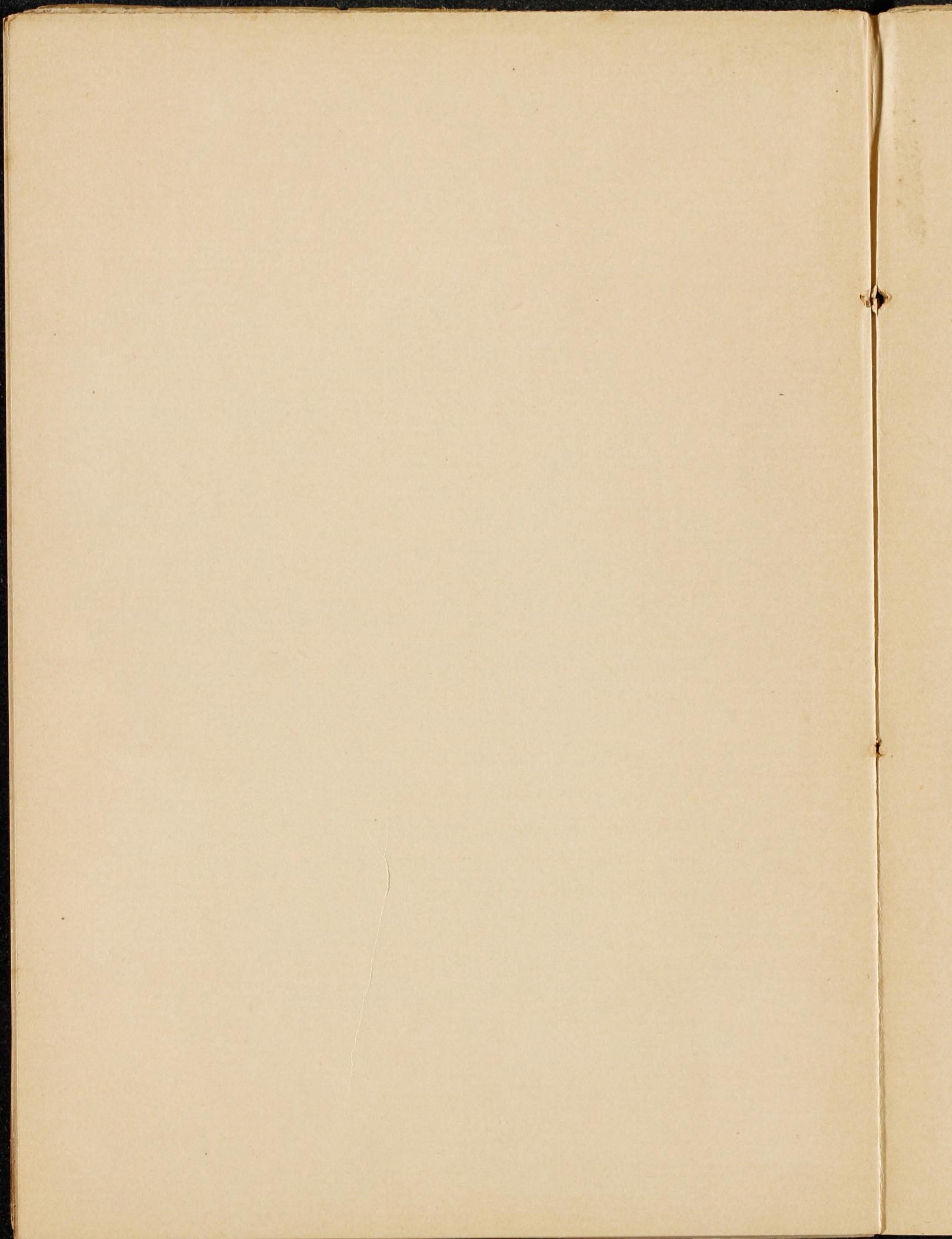
Não; em que humanos labios se encerra
toda a delicia do paraíso?
os bens do céu, os frutos da terra,
o infinito do amor num sorriso?

Em vão minh'alma, de ti perdida,
a tua igual na terra procura;
não, as filhas dos homens, querida,
nenhuma tem essa formosura;

esse encanto fatal, essa graça
candida, nivea, que nasce e expira
como rapida flamma; que passa
como um soluço da grande Lyra

sobre as turbas lívidas frementes,
genuflexas, oh Esphinge, oh Chimera,
derramando no espaço em torrentes
todos os filtros da primavera

A UM AERONAUTA



GLORIA ao homem! Arbitro supremo,
a terra impera, rege o oceano;
sobre o universo, de um a outro extremo,
paira e fulgura o espirito humano.

Nas suas mãos, creador sublime,
vive a materia; sopro fecundo
lhe communica, fórmá lhe imprime;
seu halito vivifica um mundo.

Seu olhar vence o esplendor da aurora,
seu gesto alcança no firmamento,
e nos campos do infinito arvora
o pendão livre do pensamento.

Mas quem dirá, que alta loquella humana,
genio, o teu nome? e a febre que te devora,
mente profunda, o horrendo embate e a insana
lucta de cada dia, de cada hora,
de cada instante, ardua, insoffrida, accesa
sempre, implacavelmente renascida
contra o mal sempre, contra a natureza
sempre e a voracidade do elemento,
retemperada sempre de nova vida
multiplicada, quando na augusta fronte
meditativa a obra do pensamento
crepita como lava de cratera,
misteriosamente reverbera
como clarão de incendio no horisonte,

sóbe aos pinçaros inacessiveis, arde
no firmamento, solitaria flamma,
e cede o corpo, geme a carcassa, e clama
misericordia a carne vil cobarde!

Duello atroz! Inclito e soberano
na excelsa fronte luminoso ethereo
raio augusto do pensamento humano!
Aneia implacavel de profundos peitos,
arduos, insatisfeitos,
devorados de sonho e de misterio!
Aspero orgulho! Como a tamanha altura
no céo subiste, sopro da creatura,
no céo scintillas, sacro brazão da raça!

O espirito liberto, desprendido
do fardo ignobil da carcassa,
na majestade da pura idéa erguido,

fremeante e rubro como candente lava
ardentissima e purpurina, forte
de accesa fé, vencendo a carne ignava,
desafiando a morte
que em torno espreita, hórrida, da penumbra ;
uma vontade feita de audacia, feita
de ardor e fé, livre, a Deus só sujeita,
uma virtude alta, potente e santa,
que ao céo se exalça, no céu resplende e canta,
toda outra gloria, toda grandeza obumbrá
— tal foi teu filho. Ergue o semblante afflito,
patria ditosa! Nunca do teu regaço
condor sublime, ávido de infinito,
mais alto vôo desprendeu no espaço.

Tudo experimentou — gloria e miseria ;
a ancia do espirito, a tormenta
do Ideal a braços com a materia
vil, a lucta incruenta,

aspera e temeraria,
dia a dia empenhada, peito a peito,
contra o elemento, sempre á fortuna vária,
sempre á diversa vicissitude affeito,
com claro riso rindo-se do perigo,
de cada quéda haurindo força nova,
bradando á Gloria: Avante, que eu te sigo!
resurgindo maior de cada prova
terribilissima; aceitando a affronta
pelo que vale, o mal pelo que conta,
e o bem e o mal juntos na mesma taça
calmo libando como divina graça.

O fel provou de acerbo sofrimento
com sublime candura de criança,
o erro, a incerteza, o desmoronamento
supremo, a dor suprema, a suprema esperança,
calmo enfrentando, soberbo athleta, o mundo,
que elle reduz á orbita de seu compasso,

que mede e sonda o seu olhar profundo,
só com o seu sonho considerando o espaço,
só com o seu bello sonho de visionario,
sereno e solitario,
quando lá fóra, vasta, offegante, enorme,
jaz a cidade monstro adormecida

Mas o espirito delle é que não dorme;
não tem descanso, não lhe dá guarida
a fé que o exalta, vive do seu tormento;
nega-lhe aroma a flor, balsamo a aurora,
nega-lhe a noite paz e esquecimento.
E o pão que o nutre é a febre que o devora,

Mas uma força estranha
mais temerosa e rapida que o vento
as torrentes e os rios da montanha
move-lhe o braço, guia-lhe o pensamento:
uma força ignorada, uma virtude

prodigiosa subitamente accesa,
uma estupenda asperrima pujança
innominada, livre selvagem rude
e formidavel como a natureza
mesma que o fez á sua semelhança.

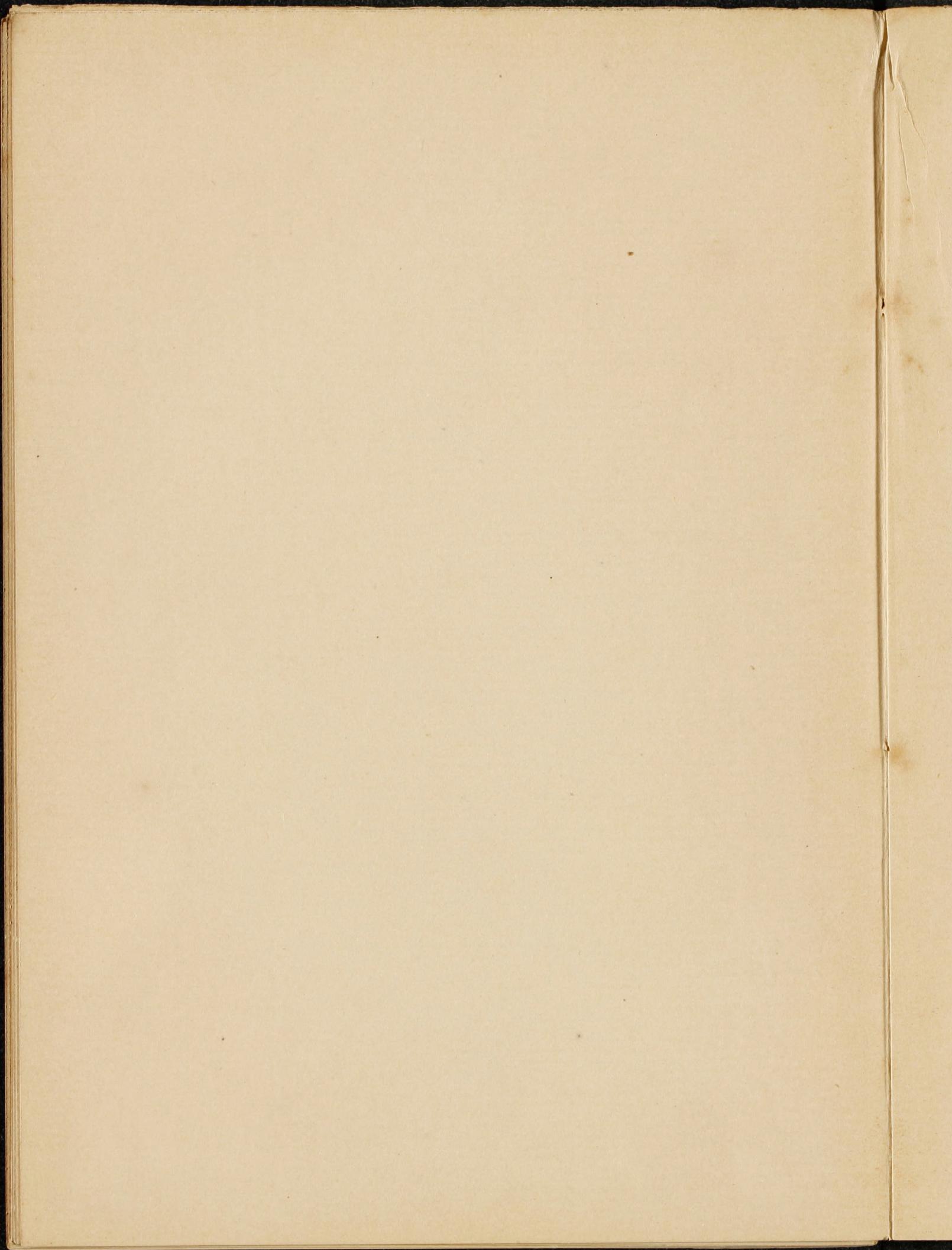
E quando veio a alva do grande dia,
quando no alto horizonte
que de mil flamas reverberando ardia,
sobre as excelsas casas,
as torres da cidade
maravilhosa, o verde mar e o monte,
o seu sonho alteroso abriu as azas,
subiu, circumscreveu na immensidade
a derrota magnifica: a materia
vil, arrancada ao bruto sonno, o blóco
pesado e opaco, feito substancia etherea
e radiosa, tornado luz no fóco
do pensamento, feito creature

livre, operante e viva,
a força bruta feita razão pura,
força pensante, feita vontade activa,
librada a terra, nas azas do pensamento,
retraçando no espaço a trajectoria
do genio humano, foi um deslumbramento!
e gloria gloria gloria
gloria! repereutiu pelo infinito
e homem não houve, não houve um ser na vida
que reprimisse o grito
de immenso orgulho, vendo tão alto erguida
a pujança do engenho e a soberana
funcção da especie dignificar-se tanto!

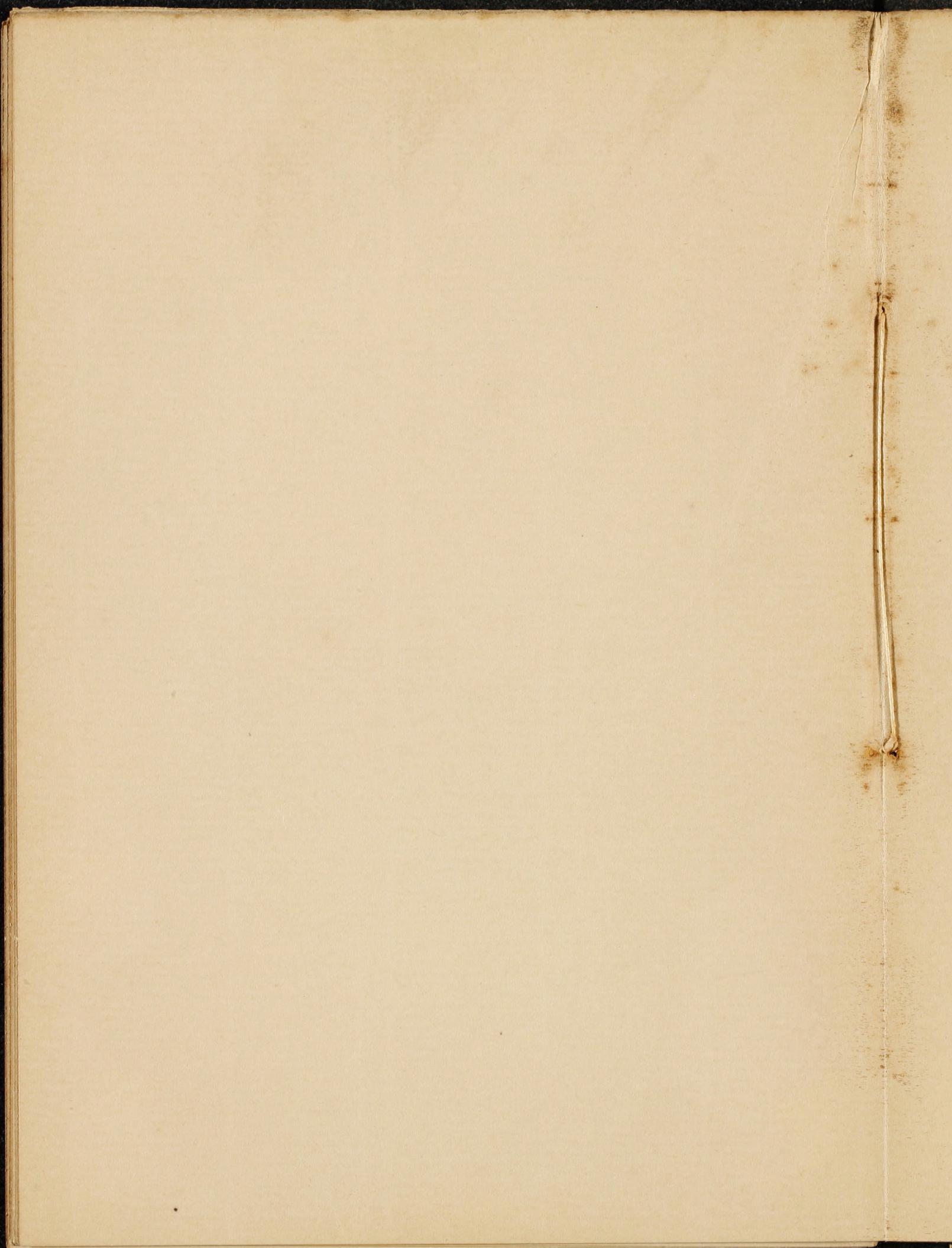
Verbo não ha, não ha na lingua humana
palavra digna de tão alto canto.

Mas a sublimidade
daquella hora, o grito alli partido,

arrancado de toda a humanidade,
pelo universo inteiro repetido,
immenso côro de aspirações, obscuro
presentimento vasto clamor de gloria,
tumultuoso cântico do futuro,
innumerável cântico de victoria,
da victoria latina
pela fecunda obra do pensamento,
pelo trabalho e pela paz divina,
patria! encha os écos do teu firmamento,
repercuta no espaço
com formidável impeto de aurora,
o peito accenda, a mente inflamme e o braço
da mocidade, cante a canção sonora
da Vida, intensa, multipla, multiforme,
em cada peito cante,
em cada arteria vibrante triumphante
e em torrentes de lava se transforme!



A F. S. M. R.



DEIXA-LA ir á vida, ao misterio, á esperança,
oh minha amiga, oh minha irman,
deixa-la ir, a tenra avezinha. Criança,
tu serás o homem de amanhã.

Amanhan, radioso e bello adolescente,
ebrio de azul e de chimera,
ás blandicias de mãe amada, impaciente
furtarás a fronte severa.

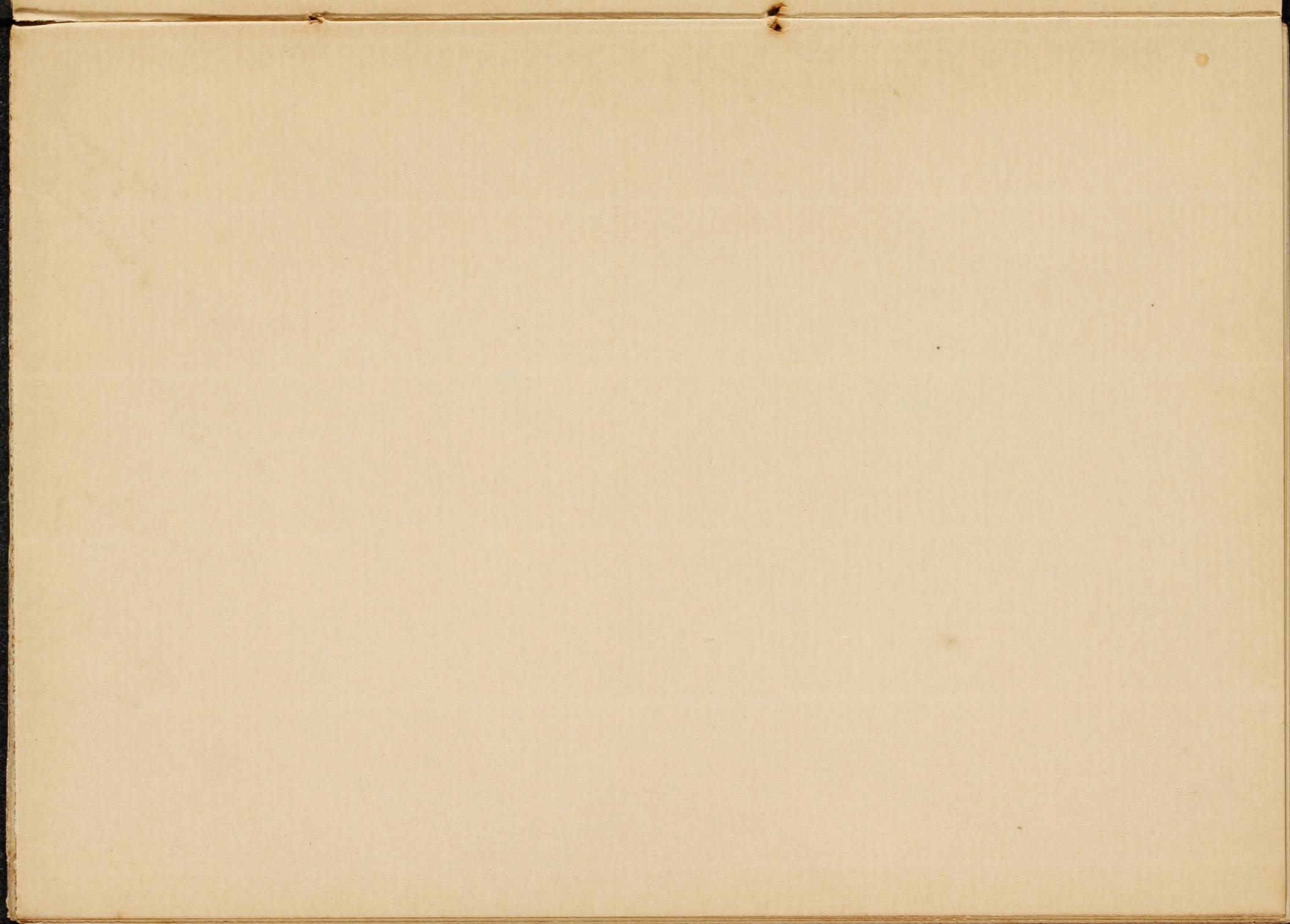
Com fragor soarão os teus passos no mundo ;
com brava audacia juvenil,
com fremencias no olhar luminoso e profundo
e um nome nos labios — Brazil ! —

saltarás, petulante e divino, na arena ;
combaterás joven athleta,
pela palavra, pela espada, pela penna,
orador, soldado, poeta.

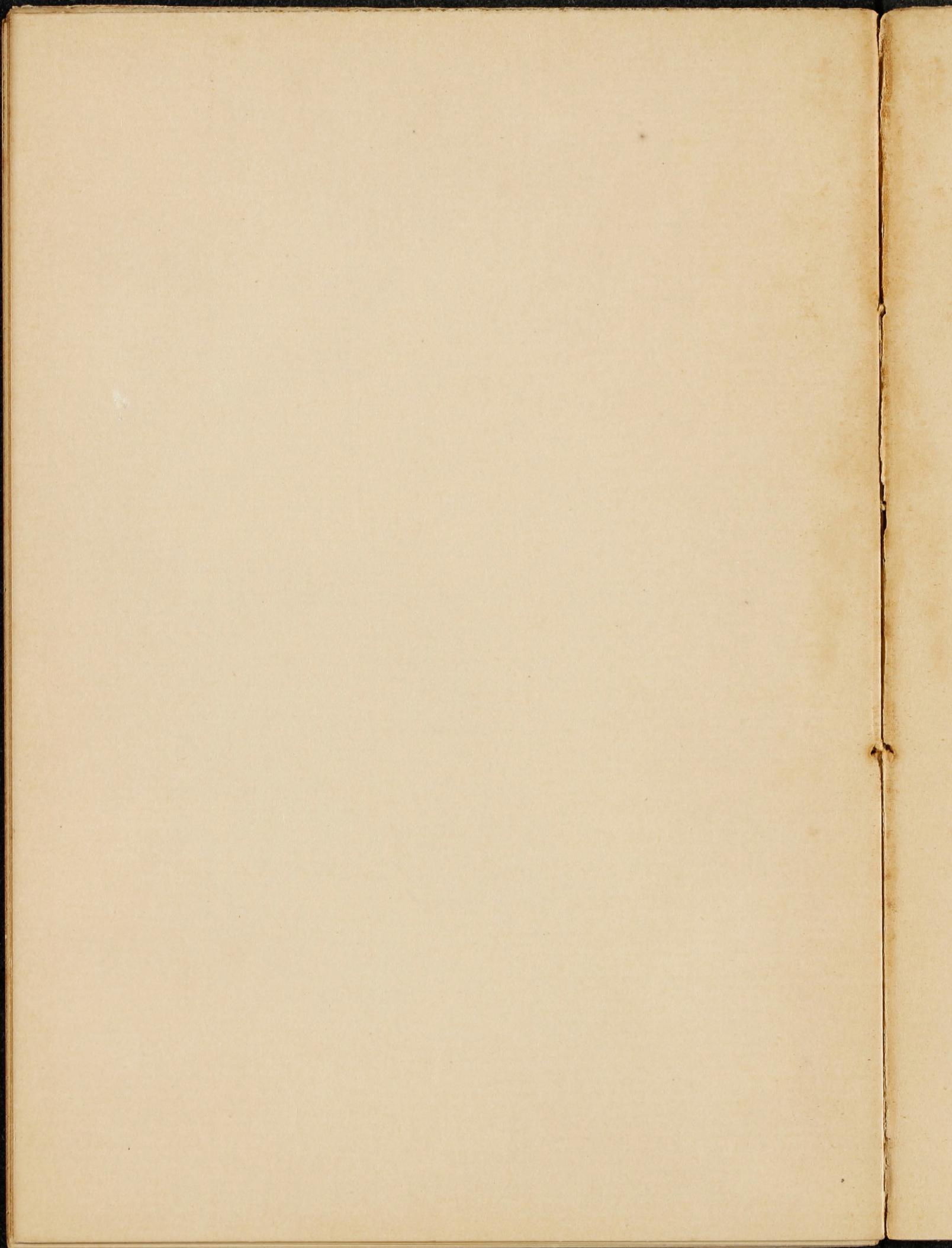
Serás o campeão immaculado e forte,
sem tibiaeza e sem temor ;
serás, do sólio augusto e divino da morte,
a irradiação do nosso amor ;

a divina offerenda aos seculos vindouros
da nossa exangue exticta raça,
renascida viril nos teus cabellos louros,
no teu riso e na tua graça.

Serás a aurora, tu que és misterio e futuro
e invencivel amor ; serás,
Carlos, o nosso heróe. Eu, do sepulcro obscuro,
direi : Bravo ! assim, meu rapaz !



A UMA TURMA DE GUARDAMARINHAS



VAI com a esperança, vai com a fortuna,
vai, bella náu, voga a salvamento.

Vêde! a vela se enfuna :
livre a flammula oscilla ao vento

da primavera ; e no alegre côro
da natureza festiva e florea
passa o caro thesouro,
este sacro penhor de gloria,

raio invocado, resplandecente,
da aurora immensa que se annuncia,
que o nosso amor presente,
patria, patria, patria ! Esse dia

correrão livres as tuas quinas
por mares altos, em céus distantes,
e as insignias latinas,
gloriosas e triumphantes,

palpitão, soltas desfraldadas,
da liberdade signo bem dito,
no ouro das alvoradas,
aos quatro ventos do infinito.

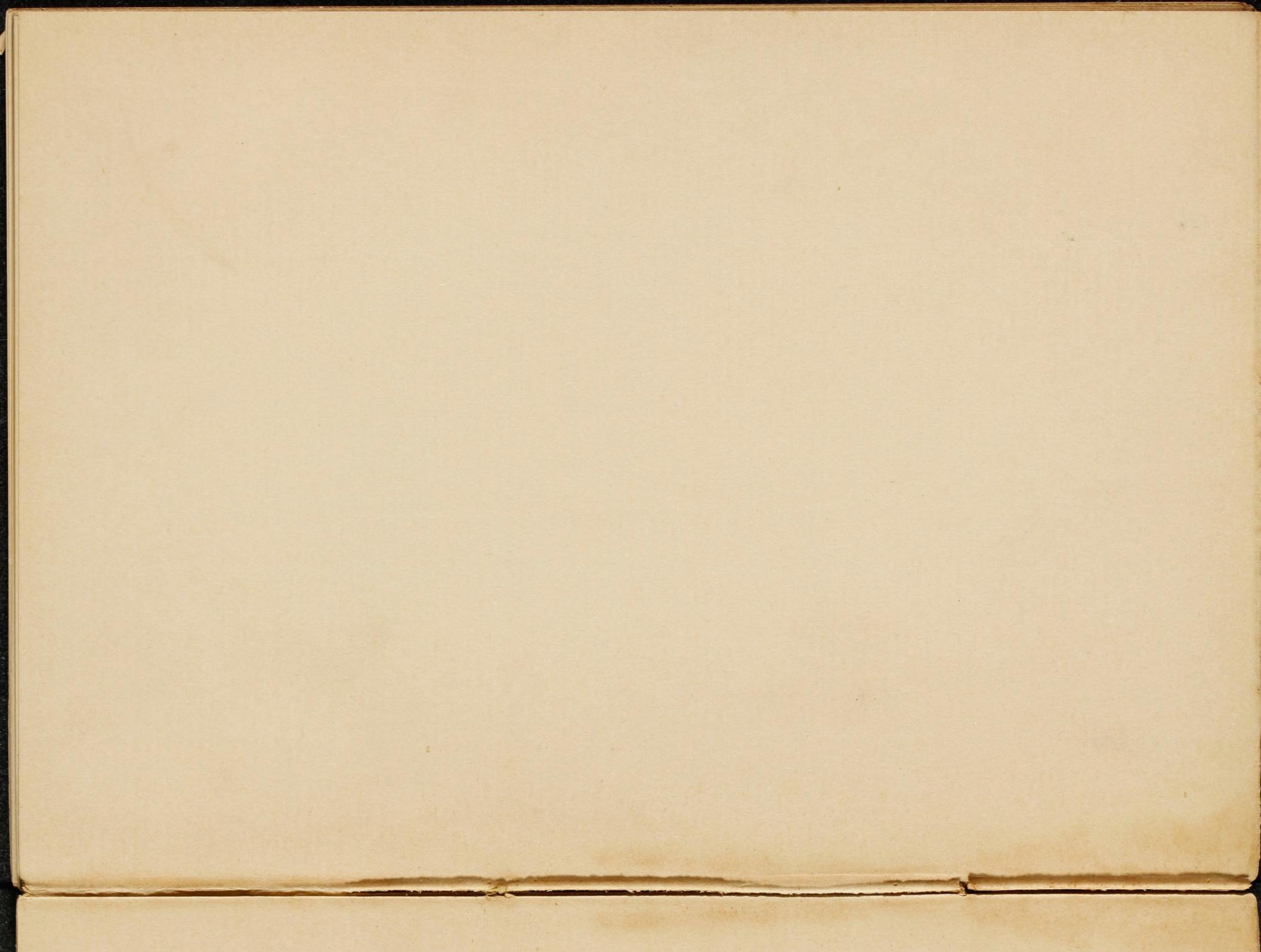
Vai com os effluvios da primavera,
com o riso e a festa que te acompanha,
sacra phalange ! Austera,
grave, a noite cai da montanha.

Ao largo oscilla, no azul do espaço,
a branca vela. Vai com a esperança,
monstro blindado de aço !
Oh força nascente, oh pujança

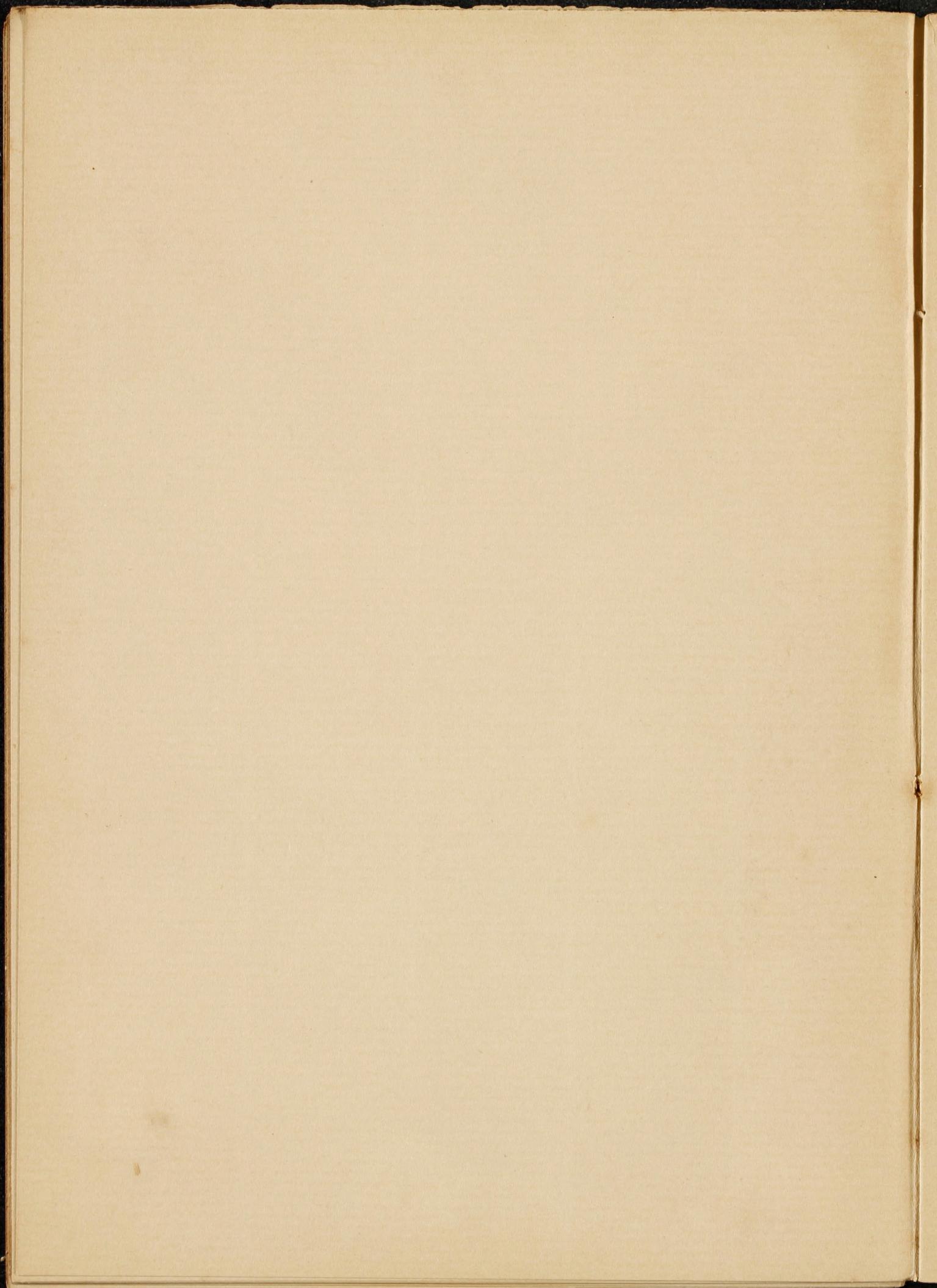
innominada, germen preclaro
de accesa vida perseverante,
oh mocidade ! um caro
louro pende no azul. Avante !

O céu resplende ; fulgura o monte ;
um lago é o mar, anilado e puro ;
nitida no horisonte
scintilla a estrella do futuro,

para a victoria. Salve, dileta
patria ! e tu salve, brazão divino,
mocidade ! Um poeta
saúda o teu nome e o destino.



RIO-BRANCO



A um jovem brasileiro

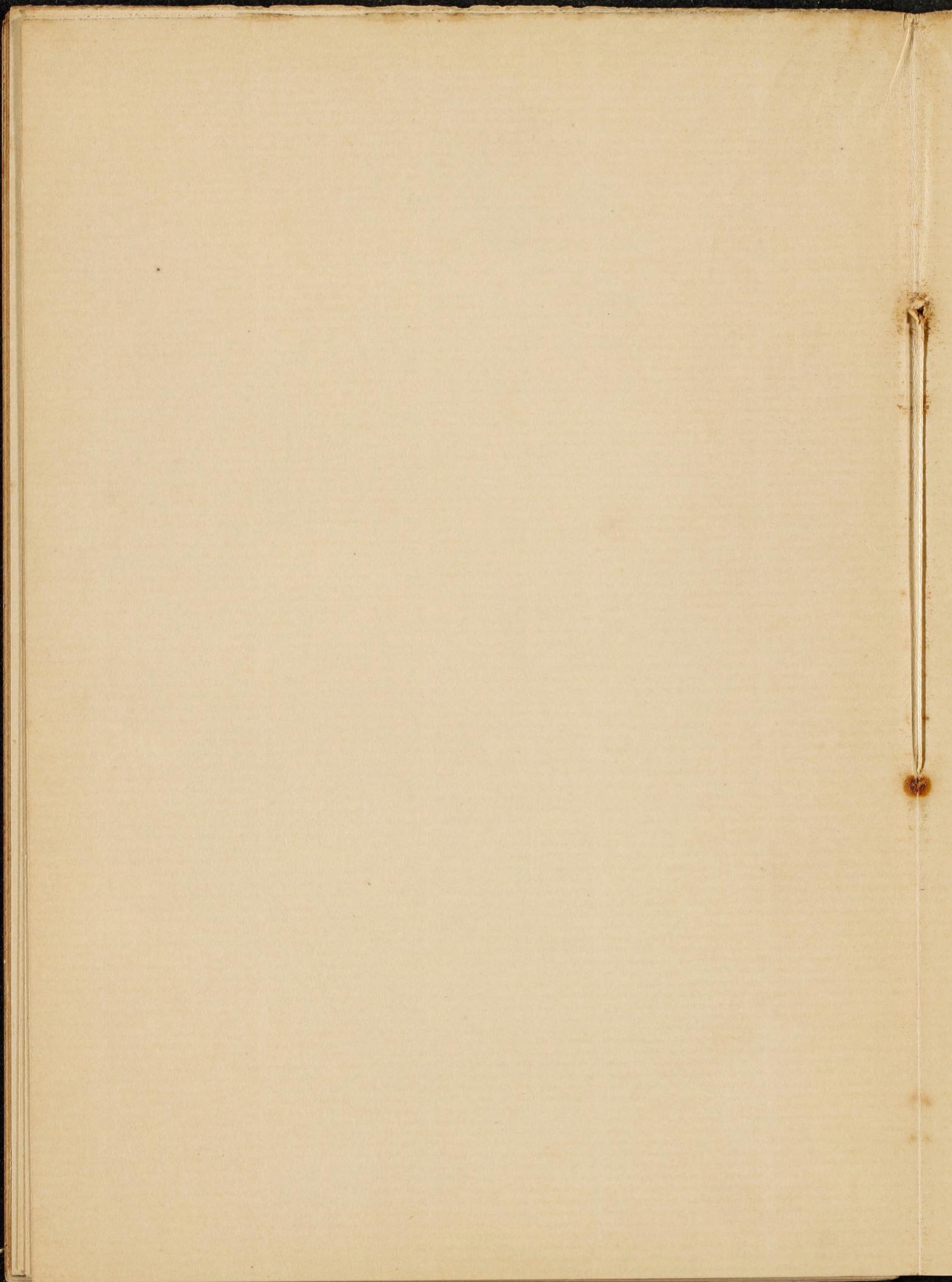
UMA aurora raiou no teu berço, criança.
Corria pela patria um fremito inaudito ;
a aguia ensaiava o vôo immenso no infinito
e era em torno um clamor de jubilo e esperança.

Filho, este nome aprende ; é a nossa grande herança ;
como um sacro penhor guarda-o no peito escrito.
Elle amou e serviu este solo bemdito
da patria, de quem foi muralha e segurança.

Desdenhoso de um vão renome transitorio,
do direito e da paz fez-se arauto na liça;
e o destino, que o poz de guarda ao territorio,

marcou de eternidade a fronte augusta e calma
onde foi triumphante a serena justiça
e a victoria civil entrelaçou a palma !

NUM TEMPLO CATHOLICO



CEDO, oh pallido nazareno,
triste Jesus, doce mestre iracundo
— era eu então menino,
debil e pequenino,
sem culpa e sem veneno,
ignorante do mundo,

da sua hypocrisia,
das delicias do ceu, do horror do inferno,
placido adormecia
no regaço materno —
mãos adoraveis minhas mãos juntaram ;
com branda voz grave e sonora
labios amados me ensinaram
a palavra que adora.

Meu ser sorria, luminoso e branco,
á tua dor, Christo crucificado,
á cruz prégado,
da cruz pendente,
com o cravo, o espinho, macerado o flanco,
e de culpa innocent
alegrava-me como o cordeirinho
que se alegra da relva do caminho.

Hoje, homem feito,
hoje que o soffrimento

um novo amor me refloriu no peito,
humano amor, que é flamma e nutrimento ;
hoje que a nacarada
luz que allumia os mundos e os espaços
no meu tugurio doura
um berço azul e uma cabeça loura
e uma alvorada acorda outra alvorada
palpitante e chorosa nos meus braços ;
que eu amo e soffro, e a fina hervada setta
me traspassou do puro amor primeiro
por que eu vivo, homem sou e sou poeta
e amo, e a belleza, a primavera, o mundo,
todo o universo inteiro,
e a terra e os céus no mesmo amor confundo,
immensa piedade
o coração me aperta,
vendo esta humanidade
que abeberaste no delirio
da tua febre, nas ancias do teu martirio,
vaga, anhelante, exangue,

desolada e deserta
a terra que regaste com teu sangue
inutilmente.

Porque tu, rabino,
leda em teus labios volitava a abelha
de Gethsemani, accesa era o teu verbo
rutilante ardentissima scentelha,
dardo acerado, rubro e purpurino,
mas duro, iniquo, acerbo
sopro exhalava, hausto de morte crua,
candente glacial arido alento
que traspassava como espada núa,
como veneno os corações gelava,
o sorriso petrificava, ardia
e consumia como accesa lava
e em treva transmudava a luz do dia.

Doce,
entanto, fôra caminhar comtigo,

no teu amor ; talvez possivel fosse
na terra adusta reviver o antigo
sonho que outr'ora, no sagrado monte,
ao som da thiorba, ao susurro das palmas,
illuminou a tua clara fronte
meditativa, doce pastor das almas.

Sorria em torno a terra adolescente
á criatura, placida, inocente,
e nos atalhos, pelos caminhos
claros, passavam os cordeirinhos,
caminhavam na pompa da alvorada.
E além, no azul, anunciando o dia,
toda a montanha ardia,
gloriosa, transfigurada.
A teus pés desabrochava a rosa
de Jericó ; fendia o debil calix,
vaporava da tunica odorosa
um halito divino

que perfumava o monte, o rio, os valles
e trescalava no ether crystallino.

E a terra, então, toda era fresca e bella
e nupcial, e em seu primeiro brilho
sorria, como candida donzella
ao vago amor, sorria ao duro filho,
serenamente á sua alma iracunda,
benignamente á sua doce insania.

Profundo e azul era o céu da Bethania
naquella estancia ineffavel ; profunda,
vasta, infinita, uma melodia
suavissima, um côro immenso e ardente,
enchia os silencios sagrados,
vibrava na gloria do dia,
corria dos montes aos prados,
voava dos prados á serra,
immenso jubiloso fremente
de todas as vozes da terra.

Tu caminhavas, taciturno, alheio,
pallido da miseria consentida,
para a cruz negrejante no horisonte.
Em vão te acalentava a doce vida,
a doce terra te apertava ao seio,
de fresco orvalho te aspergia a fronte ;
em vão, sisudo mestre,
de sol banhava a tua face austera
e te sollicitava a primavera
com toda a vehemencia terrestre.

Tu da terra não eras, nazareno.

Não fugitiva, não mortal belleza
prendeu teus olhos ;
não delicioso magico veneno
respiraste na luz da natureza.

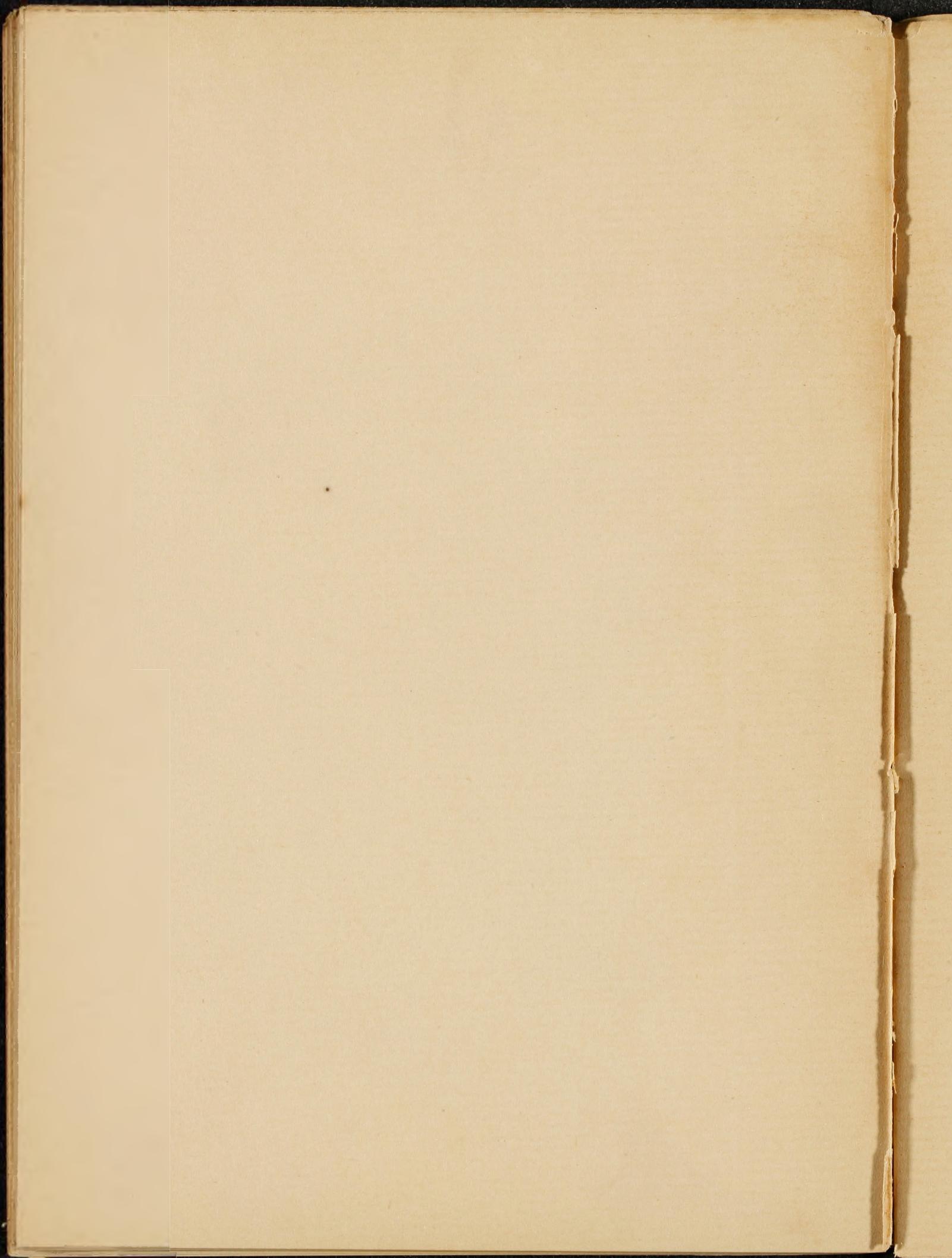
Máu semeador, semeaste urzes e abrolhos.

Mas uma immensa aurora
desponta ; um sorriso infinito

illumina a terra sonora ;
freme uma innominada corda,
um novo calix trasborda,
resôa uma nova harmonia ;
e um verbo estranho, inaudito,
formidavel e augusto, annuncia
uma nova humanidade, ardente,
bella, implacavel, luminosa e casta
e varonil, galharda e resoluta,
ardua, subtil, prudente
e temeraria, pronta para a luta,
pronta para as terriveis aventuras
dos antros fulvos e das immensas alturas,
sublime e iconoclasta,
ruinando altares, devassando arcanos,
e nos delubros tragicos dos velhos
templos prégando os novos evangelhos
ao sol dos principios humanos.
Do palpante seio entreaberto
rorido tumido lactescente

da terra tornada destino,
reconquistada, pura, inocente,
o homem, titão liberto,
reergue a fronte insubmissa.

O infinito, oh rabino,
é o seu imperio ; ardimento é o seu nome,
e a liberdade é a sua fome
e a sua sêde é a justiça !



A' PARTIDA DE UM POETA

MAR que outr'ora celebrou meu canto,
em verso numeroso vasado
como na fôrma o bronze santo;
si dignamente celebrado

foste, oh Titão, hoje ao doce amigo
sê propicio ! Oh claro mar bravio,
Catullo e a gloria vão contigo.
Tu placido voga, oh navio

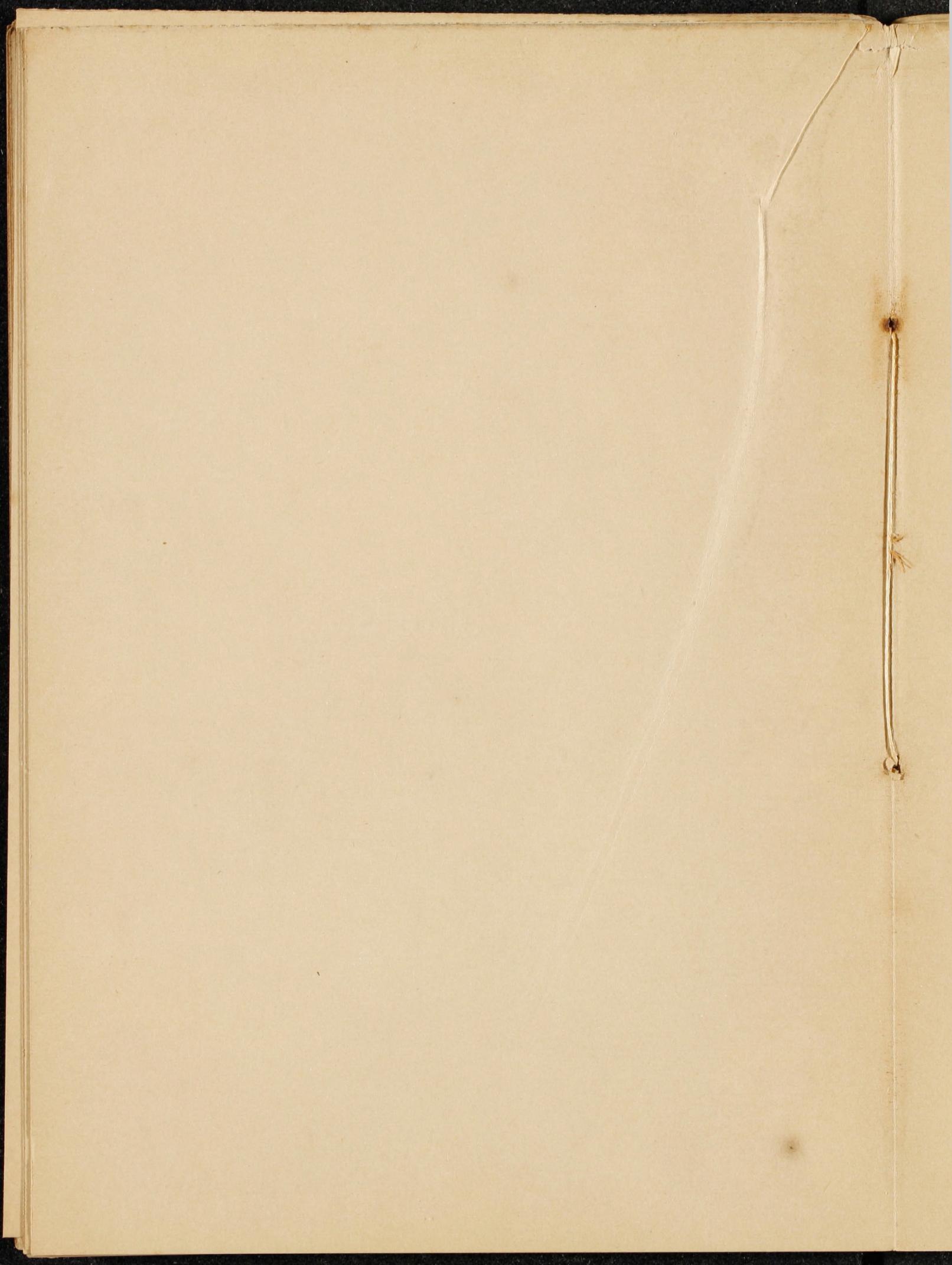
que a longes praias o socio amado
levas, o caro, o grande, o fraterno
espirito ás Musas sagrado,
coroado de louro eterno.

Ao vate, ausente do patrio ninho
caro, acompanha, musa dileta,
Erato ! Dourai-lhe o caminho,
estrella : é o vosso poeta.

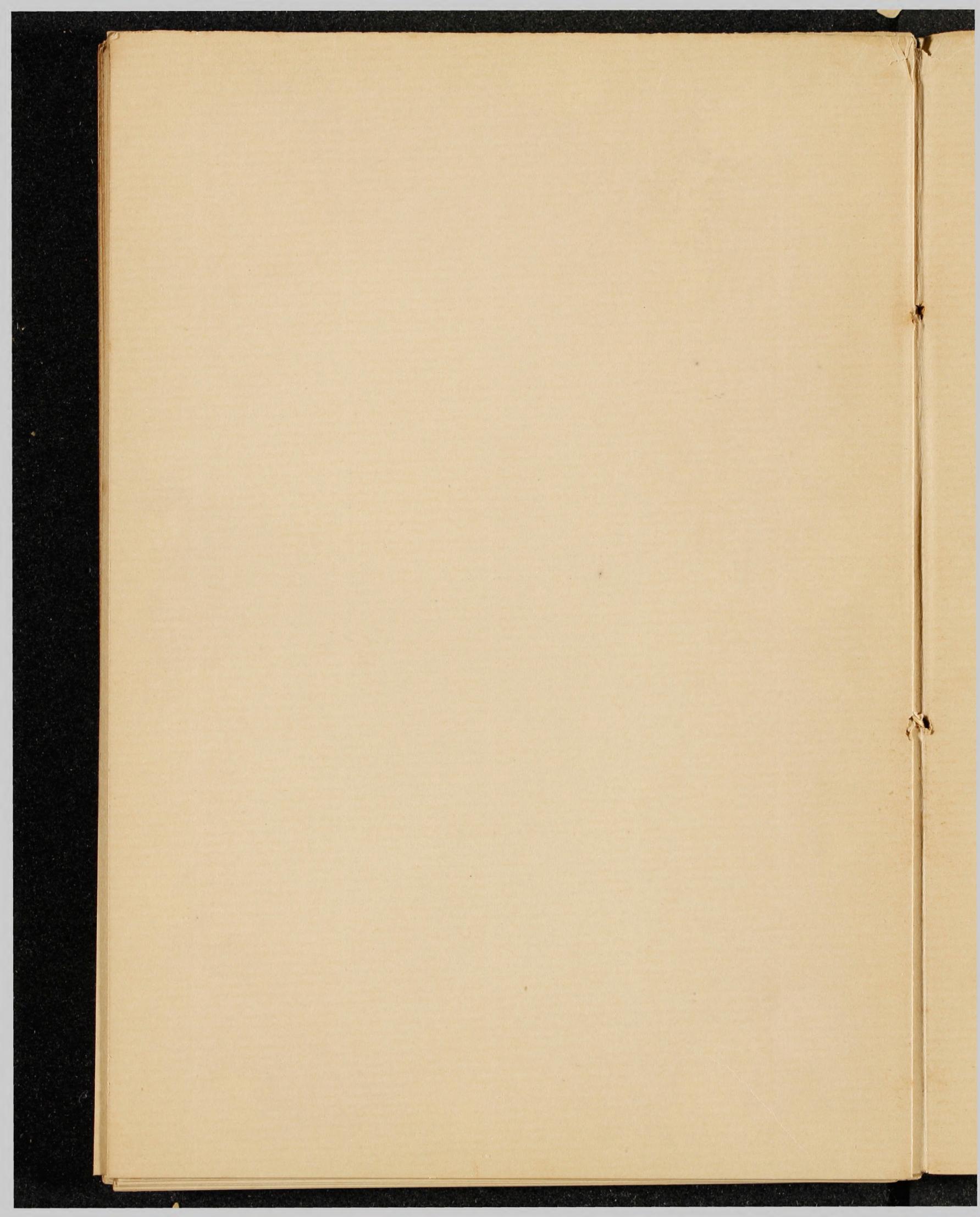
Ditosa Roma ! de faladores
viveiro illustre ; são na verdade
temiveis os teus oradores,
reducto da loquacidade !

Mas a suave essencia do verso,
mas da librada lyra a ambrosia
e oh Parnaso o teu mel diverso,
e o teu nectar, oh Poesia,

longe da turba, fonte divina,
resplende e jorra, ao commum defesa,
nos labios que a Gloria illumina
e o teu raio immortal, Belleza.



SONHO DE UMA NOITE DE OUTONO



HONTEM, no bosque,
á luz da lua,
eu vi Diana,
a caçadora,
guerreira e bella,
e nua.

Como neve ardia
na sombra augusta a carne immorredoura;
como claro dia

scintillavam os braços brancos
funestíssimos ávidos da presa,
o niveo cóllo, os flancos
não tocados, virgens de impureza.

E o meu peito mortal, como oceano
proceloso bramiu convulso;
vergou do peso sobrehumano;
nas veias do meu pulso
a febre accelerou a torrente
da vida, a vida foi voragem,
foi lava o sangue, ardeu divinamente.

E o meu orgulho solitario,
imperial e solitario
como o leão indomito selvagem,
rojou-se alli subitamente
escravo, supplice e fremente,
naquelle hora sumptuosa, accesa

de pompa de aurora e victoria,
em que a Belleza
feita Carne, a Carne feita Gloria
magnifica ascendeu ao fastigio
e um deus presente era na altura
e a terra esperava o prodigo
e o mundo parecia estreito
ao amplexo da creatura.
E eu disse, ouvindo no profundo
vortice do proceloso peito
gemerem as raizes da vida
e um élo desprender-se e um mundo
esphacelar-se e uma voz nunca ouvida
cantar uma nova harmonia,
vibrar uma inaudita corda ;
disse: Eis enfim trasborda
a taça cheia ! O sorvo de ambrosia
bebe, aos teus labios reservado, á ardencia
da tua febre, á louca impaciencia
da tua mocidade erma, ignorada,

de intima flamma acesa devorada,
alma insoffrida!

Disse: Lume de amor, Belleza!
Foco incendido de esplendor sidereo,
pudica e nua como a natureza
que te criou feita do seu misterio,
do misterio das suas aguas, fontes
murmuras, infinitos horisontes,
feita das suas lagrimas choradas,
do ouro dos seus poentes indecisos
e da flamma das suas alvoradas,
feita da sua luz, feita dos seus sorrisos
innumeraveis, feita dos seus sabores
indefiniveis, da diversidade
dos perfumes, das formas e das cores,
oh divindade!

Não vil inercia o meu braço
mirrou, crestou na minha fronte
a gloria do sonho, onde eu passo

desdenhoso e grave no horizonte
immenso, da turba distante,
com os meus claros olhos de innocencia,
com o meu riso em flor de primavera,
com o meu vasto peito palpitante;
mas o arduo labor da existencia,
a sede do Bem, a severa
disciplina do estudo, meus mestres
meus guias foram, a alpestres
ermos, cimos alcandorados,
meus passos levaram criancas,
auteros regeram meus fados,
o adolescente embalaram,
de nova flamma o abrasaram,
nutriram de nova esperanca.

Ideal como um diadema
igneo, cingiste a realeza
do meu sonho, a minha tristeza
vestiste de pompa suprema.

Verdade, liberdade, justiça,
meus gladios fostes na liça.

Oh cousas vans! oh chimera!

Só tu, Belleza, a promessa
cumpriste que a fronte do infante
ainda do sol da primavera
dourada — hoje pallida, oppressa,
illuminou de sonho altivo
e de alegria triumphante,
quando eu travesso louro rapazola
imbelle, mas já pensativo,
já curioso, já vanmente afflito,
do triste carcere da escola
impregnada de miasmas deleterios,
ávido de infinito,
para além do horisonte
fantasmas divisava e misterios,
e mudo, tremulo, immoto,

bater-me sentia na fronte
susurrando a aza do ignoto.

Tu sorriste ao adolescente,
á joven petulante audacia
nos claros olhos atrevida,
quando com garbo impaciente,
dos bosques de amaranto e acacia,
ebrio, avançava para a vida,
como o guerreiro para a liça,
como o tenro leão para a presa,
como o amante para a belleza,
fremento de goso e cubiça.

E lhe semeaste no peito
o murmúrio de infinitos cantos
por que eu sigo, aédo, na aurora,
só, com a minha bocca sonora,

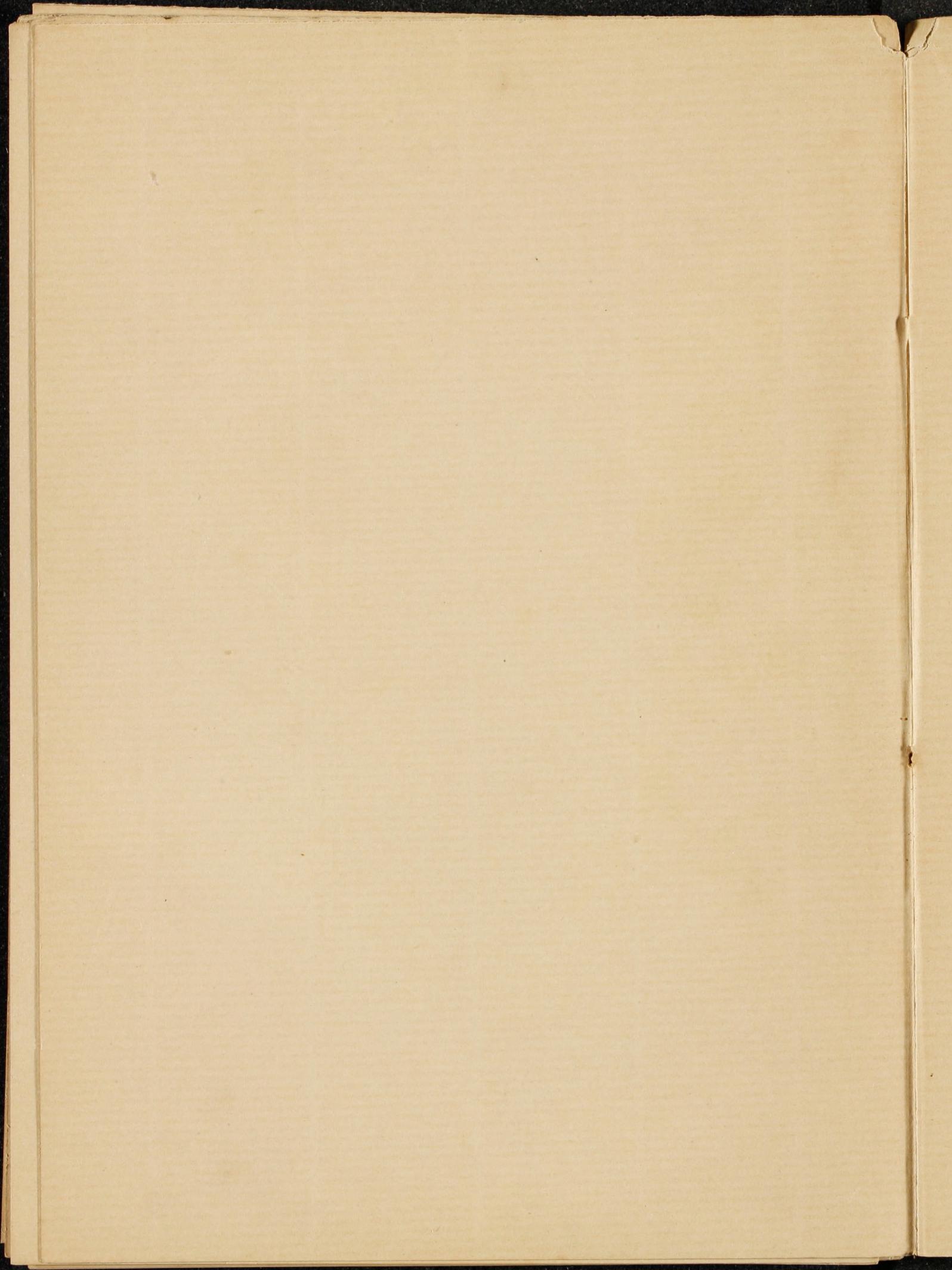
só, com o meu sonho insatisfeito,
livre e só, nos cimos sacrosantos.

Oh deusa, infinita miseria,
jugo infame, prostra rastejante
aos pés de uma cruz vacillante,
o homem vil, raça iniqua e cimmeria
alterada de sangue e rapina,
na doce terra materna
já berço de heróes, já divina
do sacro rumor da victoria,
do sorriso da belleza eterna.

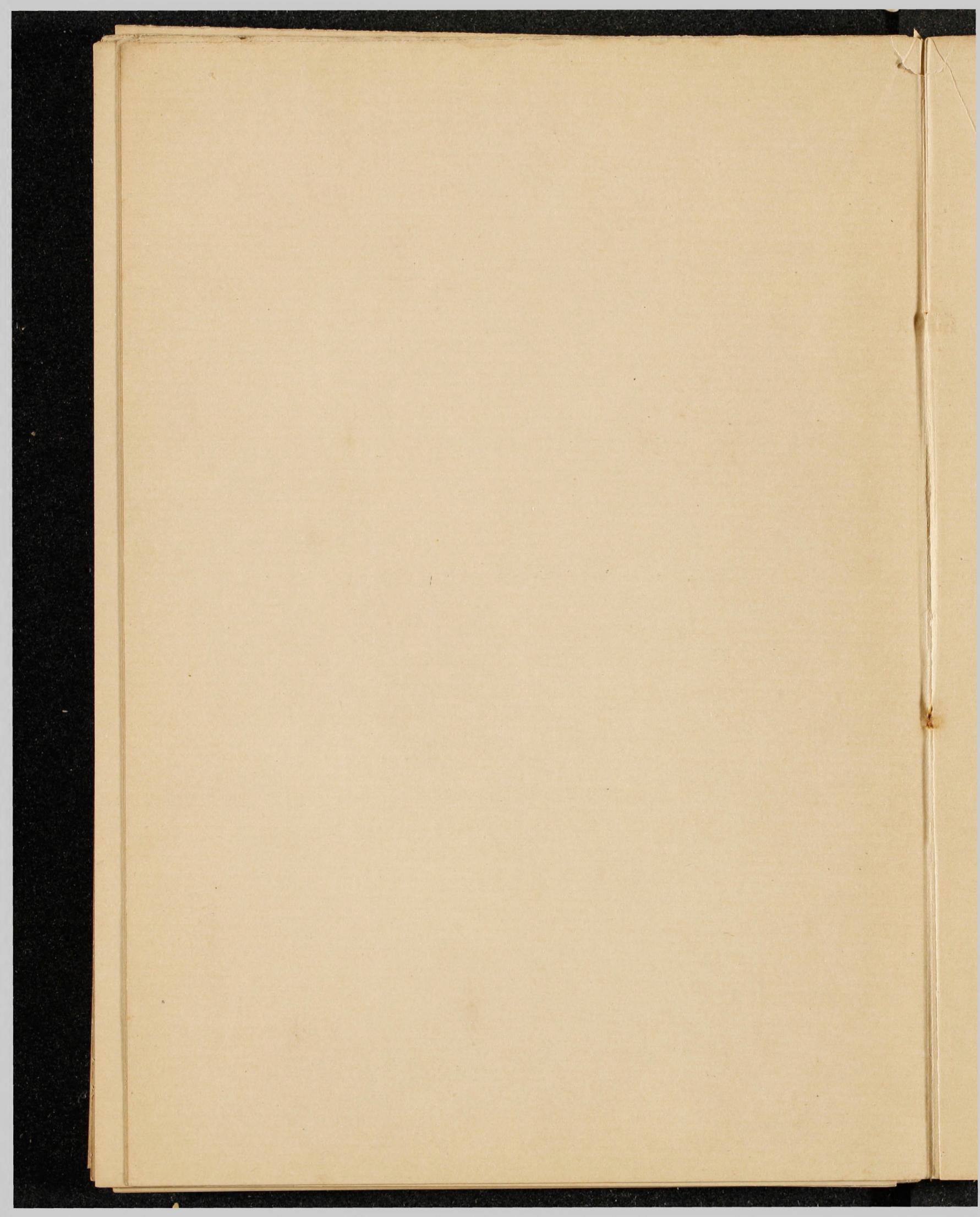
E a terra putrida é ingloria
onde o homem faz o seu monturo.

E o teu servo tomba vencido
e só, como um leão moribundo ;
e grato lhe fôra, esquecido,
no seio do Hades escuro

dormir o sonno profundo
que os caros olhos cerra
e dá socego ao coração cançado
de palpitar na terra
fulvo e desparelhado.



EPITHALAMIO FUNEBRE



I

Na morte de G. S.

DEUSES! a vida é bella; a arvore é rica; a fruta
saborosa, purpurea, agreste e perfumada
que o meu gesto voraz alcança na ramada;
e longamente aspiro a tenra polpa enxuta.

Doce é o mel prelibado e a paz que se disfruta
ao sol que amadurece a uva embalsamada.
Deuses, terrificante é a Parca desalmada;
dos meus labios em flor arredai a cicuta!

Não! Venha a morte; incline esta fronte sonora
quando ainda o sol sorri, quando ainda brilha a aurora,
deuses! e o fruto e a flor pendem na verde rama.

Possa eu votar-te, oh fria e casta e taciturna,
uma fronte viril e um coração de flamma
que debaixo da terra ainda abrase na urna.

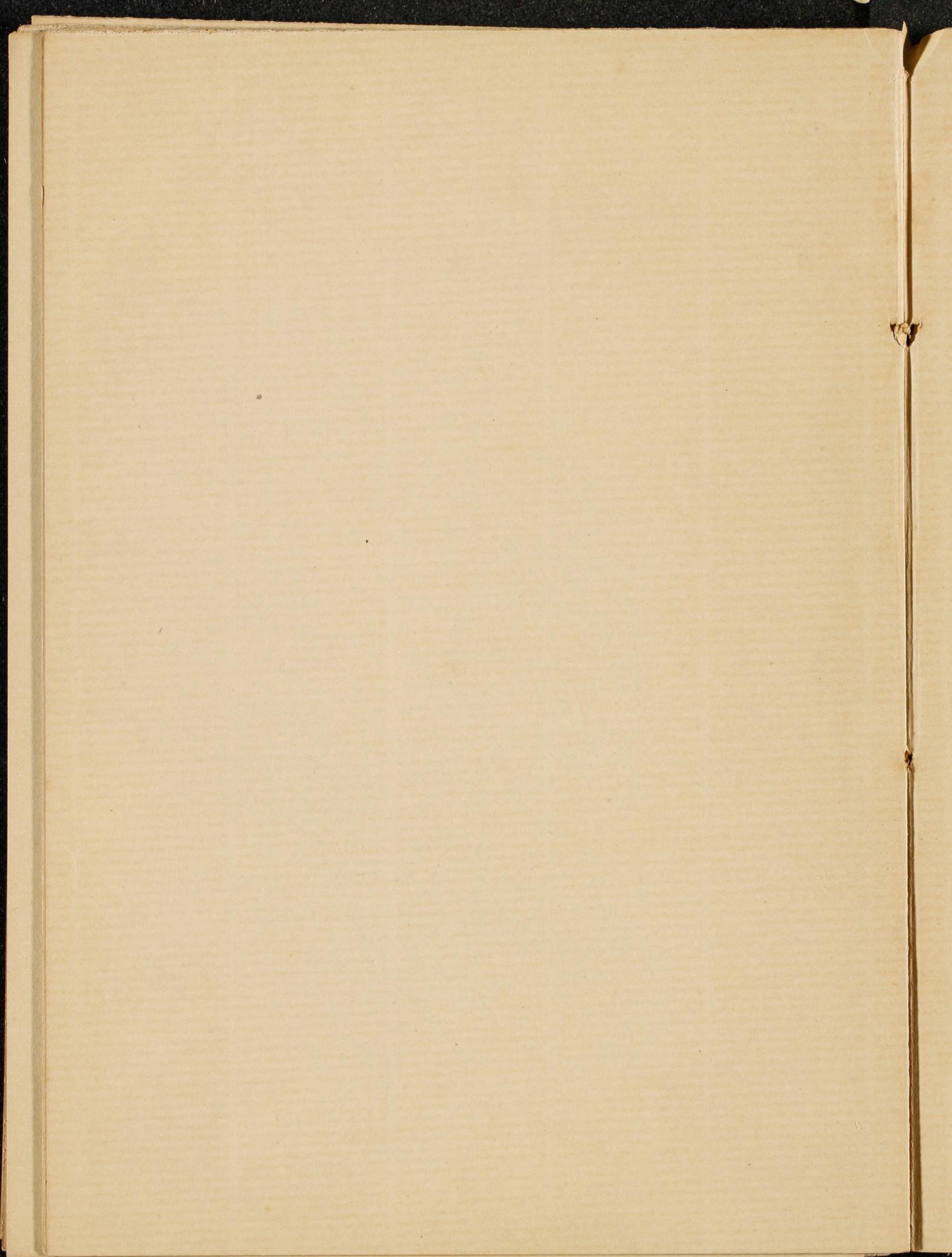
VIDA, como te amei! Sim, eu fui vosso eleito,
deuses! Nas minhas mãos palpitaram captivas,
sofregas, susurrando, as horas fugitivas.
O universo abarquei, que parecia estreito!

Quem com mais louco ardor se nutriu do teu peito,
ebrio nas mãos premendo as faces convulsivas
e se desalterou nas tuas fontes vivas,
Terra! Eu sim, fui teu filho, ávido, insatisfeito!

Verde mar! céu azul! varzea immensa e tranquilla!
Oh mãe que me apertaste em teus braços tenazes
de que flamma immortal animaste esta argilla!

De que acerba suave e divina ambrosia
ungiste, oh sacrosanta, estes labios vorazes
que o desejo não cança e que o amor não sacia!

ESTANCIAS



I

O portico fatal do teu sinistro imperio
um dia, Amor, entrei, pallido adolescente
ávido respirando o fruto lactescente
dos teus fulvos vergeis de volupia e misterio.

Sobreava-me um leve tenue buço o mento
pueril, mas soberba andava a joven fronte
já de ethereas visões povoando o horisonte
e á musica do espaço o tenro ouvido attento.

De que gelida cinza a celeste ambrosia
empeçonhas, Amor, funesto Amor tiranno,
que derramas cruel no coração humano!
E ris, lançando ao vento a amphora vasia.

Ah, si a offerenda é van das tuas mãos divinas,
Amor! Si dissimula um cancro horripilante
a face ardente e grave e o celeste semblante
que descobres a meio e para nós inclinas,

arreda, monstro, arreda os teus filtros do inferno;
poupa-nos, deus cruel, o travo acerbo e lento,
o amargo desengano, o morno desalento,
ou mata-nos, Amor, num beijo breve e eterno!

II

A. O. B.

Os que Apollo cingiu de verde myrto e louro,
doce Olavo, escarnece a multidão abjeta;
solitario, pulsando o pletro immorredouro,
passa desdenhoso o poeta.

Bemdita a que te insulta, oh santo renegado,
furia vil, baba immunda, Inveja, Hypocrisia,
e todo o mal soffrido e todo o fel tragado,
si o fel se muda em ambrosia.

III

Ô passado cruel e o presente inimigo,
um de cinzas coberto, o outro resplandecente,
dois cadaveres são que eu carrego commigo.
Mas que importa o passado e que importa o presente!

Para além do horizonte e da esphera sonora,
dos limbos do futuro invencivel surgido,
vasto e immenso clamor, repercute na aurora,
berços! o vosso misterioso vagido.

IV

A. G. P.

QUE importa o riso, o escarneo vil, a sanha abjeta
do immundo phariseu que lapida e blasphema;
das perolas da dôr faze o teu diadema!
À larga, coração! Sursum corda, poeta!

De invencivel desdemi arma-te contra o mundo;
e, pois é o teu destino, á feição do elemento,
sé como a flamma ardente, aspero como o vento,
e como a terra e o mar luminoso e fecundo.

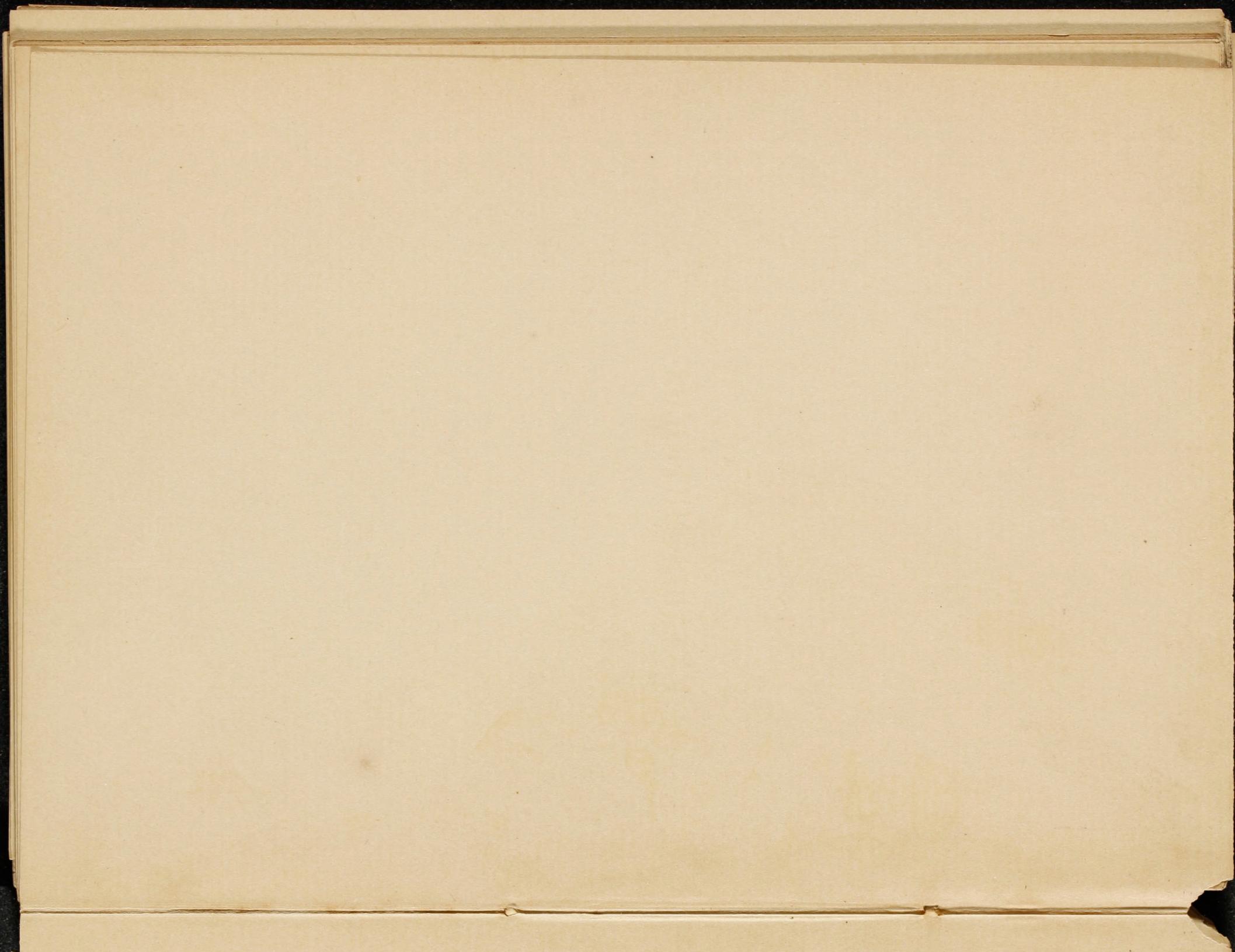
V

QUANDO desponta o sol, quando declina o dia
e na praia arenosa uiva o vento do largo,
junto de ti me assento, ouço-te a melodia,
velho oceano amargo.

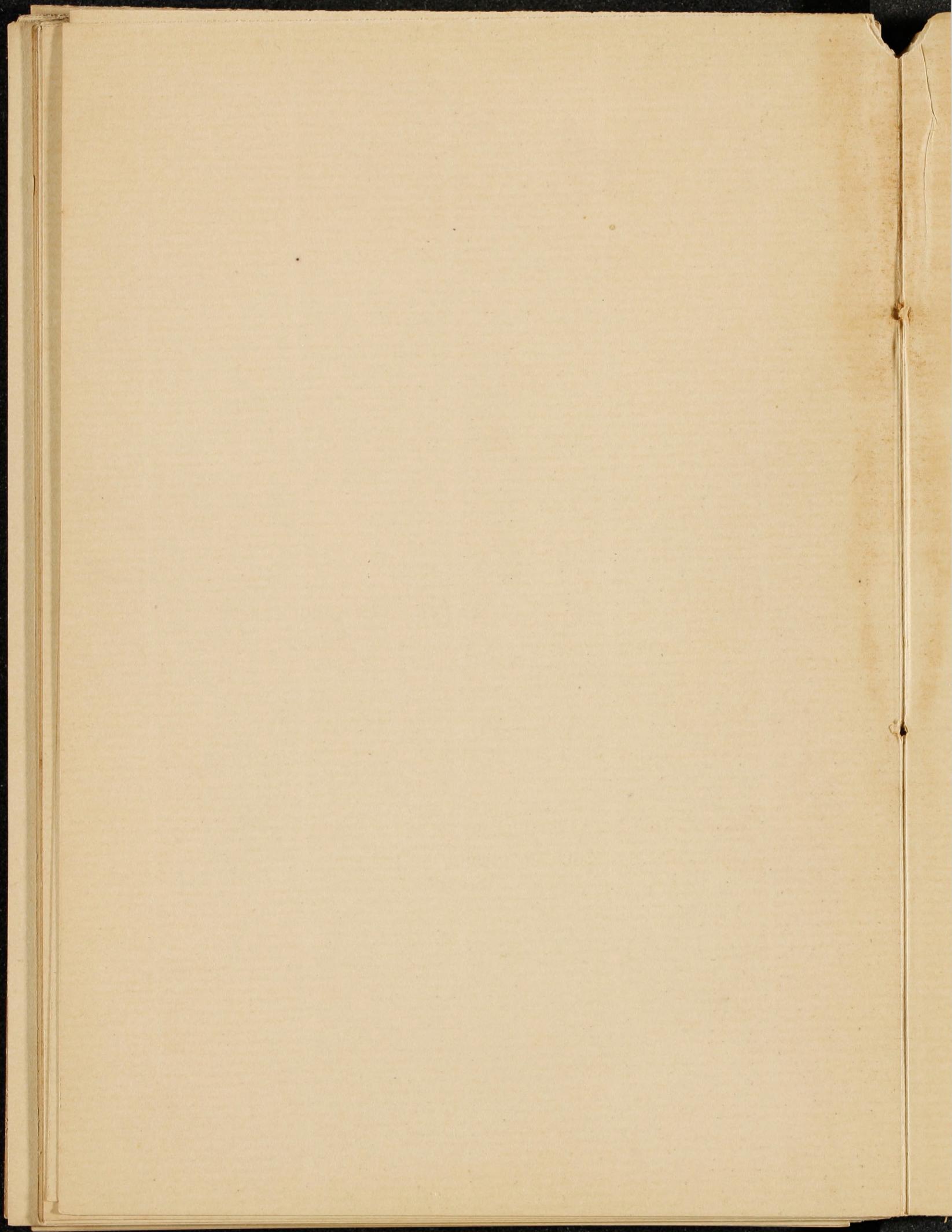
O homem de queixas vana a existencia envenena,
de lagrimas sem causa os seus dias abruma ;
tu, do bem e do mal, do prazer e da pena,
fazes a mesma espuma .

A surdos interrogo, a surdos falo e canto.
Elementos! substancia e fibra do universo,
vós de certo entendéis fraternos o meu canto
e o fulvo rithmo do meu verso.

Que vos importa, oh mar fremente e rumoroso,
ventos que soluçais uma eterna epopeia,
flamma ardente e subtil, coração proceloso,
o applauso vil da patuleia!



ENSAIOS METRICOS



I

VEM. Dá-me o braço. Os languidos passos ensaia. Lá fóra
todo o jardim resplende nas torrentes da aurora.

Os roseiraes trescalam; e um fremito novo percorre
a alma da primavera que se despede e morre.

Dá-me o teu braço. Inclina docemente a fronte inquieta,
pallida fronte amada, no hombro do teu poeta.

Ouves a symphonia dos passaros dentro da matta?
cantam : Nahis, bemvinda ! bella Nahis ingrata !

Do eito da primavera suspiram as rosas suaves:
bella Nahis, que ausencia ! quantos cuidados graves !

E auras, perfumes, flores, luz, harmonia e graça.
salve ! cantando dizem á irmanzinha que passa.

LAURA sorri-se. Os frescos labios de humida fragancia
roseos, chilreiam. Papagueiar da infancia,

graça, innocencia ! Oh primavera casta e perfumada,
voltas ? É o mesmo riso da bem-amada,

fino e cruel, que um tenue aviva fugitivo breve
sulco de sangue, bocca de rosa e neve.

Os olhos são, que as graças armam de fatal encanto,
queridos olhos que me enganaram tanto.

Céus ! E esta voz ! Velada e doce, que ainda mal gorgeia,
é o mesmo canto (perfido !) da sereia.

III

NAHIS! Nahis! acorda. Vai alto o sol no horizonte,
doura as collinas, inunda o mar e o monte.

Langida esposa, mal erguida da convalescença,
renasce a terra sob a caricia immensa,

callida, nupcial: dos seus beijos devoradores,
frutos rebentam e desabrocham flores.

Mas do teu beijo, Amor, mais que rosas na primavera,
frutos no outono, que arde e que desaltera

o coração sequioso, que abrasa e que delicia,
nasce a divina fonte da poesia,

o verso ardente, a estrophe alada da canção eterna
que os homens prende, que os corações governa

das brutas feras, e as brutas feras á peregrina
prodigiosa lyra de Orpheu inclina.

IV

VERSONS que Amor me ensina, meu mestre, e ora inflamma ora abranda,
ide onde Amor vos leva, ide onde Amor vos manda.

Zefiros, susurrai brandamente na fronte adorada !
Como um palacio de ouro resplandece a morada,

o adro fulgura esplendido. Brincam alli tres crianças,
todas tres lindas, meigas, razoaveis e mansas.

Uma como alvo lirio formosissima a fronte inclina,
pallida, transparente de pallidez divina.

Tenues as outras duas, como herva nascente, um thesouro!
frontes de azul toucadas, emmolduradas de ouro,

chamam-lhe: Mãe! Resplende na bocca adorada um sorriso:
e é como si rompesssem harpas do paraíso

subito, um canto ardente, ineffável, estranho, inaudito,
e revoassem anjos, rindo, pelo infinito.

V

Céus do occaso. Susurros do arvoredo. Melancolia
do entardecer, no campo, quando declina o dia

e cresce a sombra — oscilla: na leve diaphana teia
colhe-se o monte e o valle, pousa inclinada a aldeia —

e por montes e valles, além pelas verdes savanas
ermas, sobre as cançadas habitações humanas,

na gleba, no eirado, no aprisco, sobre o placido armento,
desce um religioso vasto apaziguamento,

como um filtro ineffavel de infinita misericordia.
Sinos do campanario! Alleluia! Concordia!

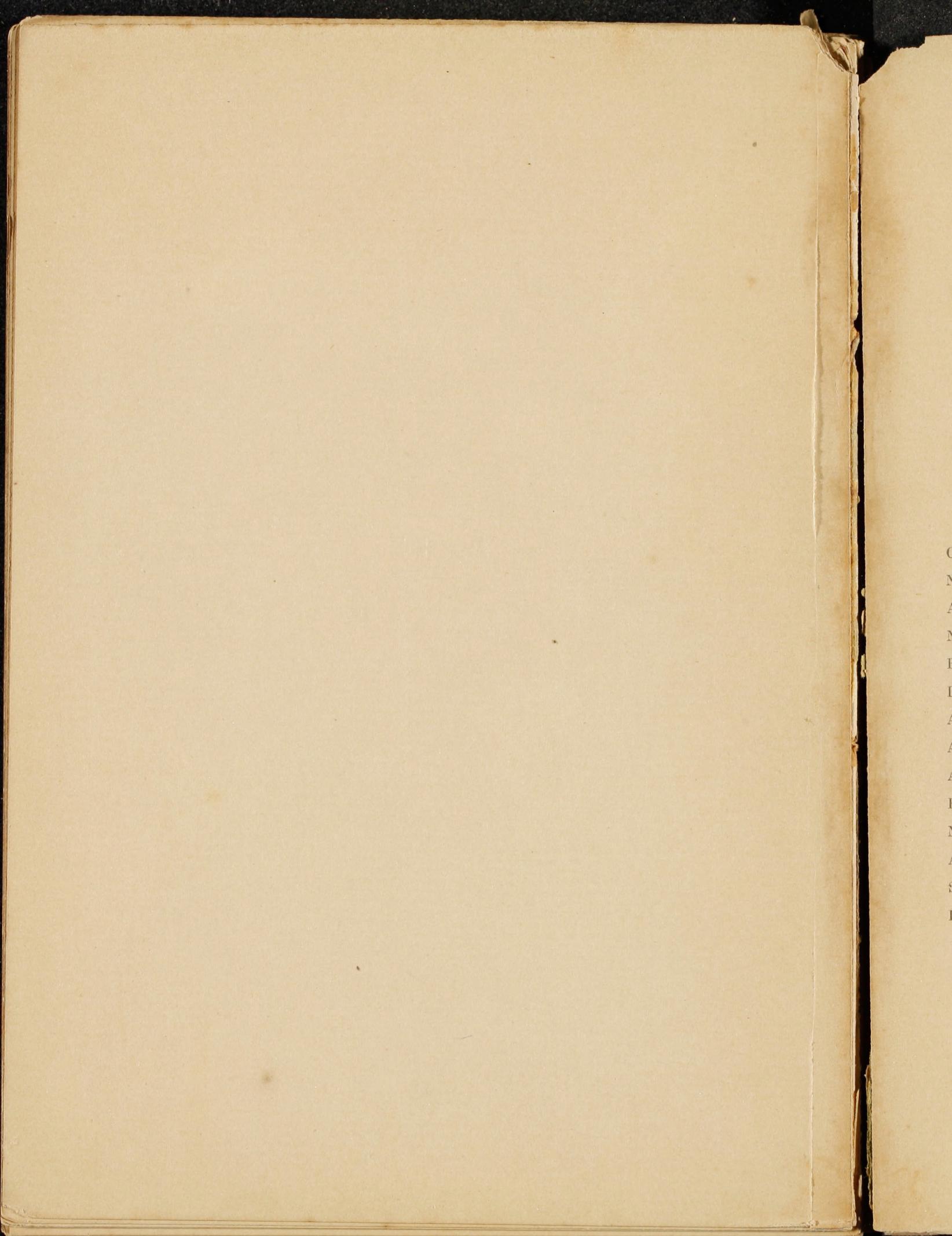
Bondade, amor, justiça, é o vosso annuncio na terra?
Mas tu que nova flamma, mas tu que nova guerra,

que não provadas ancias, que ardor nunca assaz satisfeito,
amanhan, bella aurora, me accenderás no peito?

De que rosea miragem, de que alta divina chimera,
embalarás a fronte que te interroga e espera?

A que prodigo acenas? a que ardua magnifica empreza?
Olhos! a que misterios? Alma! qual nova prêsa?

INDICE



O rebanho	7
No casamento de G.	13
A um campeão de natação	19
No campeonato do Remo	25
Fantasia	35
Ignota Dea	41
A um aeronauta.	45
A F. S. M. R.	57
A uma turma de guardamarinhas	63
Rio Branco.	69
Num templo catholico	73
A' partida de um poeta	85
Sonho de uma noite de outono	91
Ephitalamio funebre	103

ESTANCIAS

I — O portico fatal do teu sinistro imperio.	109
II — Os que Apollo cingiu de verde myrto e louro.	111
III — O passado cruel e o presente inimigo.	112
IV — Que importa o riso, o escarneo vil, a sanha abjeta	113
V — Quando desponta o sol, quando declina o dia	114
VI — A surdos interrogo, a surdos falo e canto	115

ENSAIOS METRICOS

I — Vem. Dá-me o braço. Os languidos passos ensaia. Lá fóra	119
II — Laura sorri-se. Os frescos labios, de humida fragrancia	121
III — Nahis! Nahis! acorda. Vai alto o sol no horisonte.	123
IV — Versos que Amor me ensina, meu mestre, e ora inflamma, ora abranda	125
V — Céus do occaso. Susurros do arvoredo. Melancolia	127



ACABADO DE IMPRIMIR-SE AOS DEZ DE JUNHO
DE MIL NOVECENTOS E NOVE,
NA TYPOGRAPHIA ITALIANA,
DE DONATO BATELLI
NO RIO DE JANEIRO

